HOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace

FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919

Chaves d'Oliveira
Coimbra
1914

NO PAIZ DOS VATUAS

DO MESMO AUCTOR:

(a entrar no prélo)

Conventos & collegios (historias edificantes e veridicas do que lá se passa), 1 vol.

D. SANTOS GUERRA

NO PAIZ DOS VATUAS

Historia da guerra de Lourenço Marques

> Com muitissima justiça se diz que, apezar da sua pequenez, nenhuma nação tem enchido o mundo de feitos tão gloriosos como Portugal.
>
> *Leroy Beaulieu.*

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1896

Ao Senhor conselheiro

ANTONIO ENNES

Homenagem ás suas primorosas qualidades de Homem e Escriptor, e ao alto criterio e patriotismo com que dirigiu a campanha.

INTRODUCÇÃO

Por uma risonha tarde de primavera, innundada de sol e tonalidades fulvas, achei-me a bordo d'um transporte da nossa marinha de guerra, que largava do Tejo para os portos d'Além-Mar.

Era um navio de ferro pintado de amarello, já gasto pelos annos e pelo constante navegar, que deitava perto de seis milhas por hora, a toda a força! A bordo iam mais de quinhentas pessoas, militares, paisanos, operarios contractados e vadios deportados, embora o navio não tivesse accommodações nem para metade. Olha a difficuldade!

Transformou-se a coberta em caserna, alinharam-se sobre compridas tarimbas algumas duzias de colchões para os individuos de posição media, e toca a navegar! que o mar vae de feição.

Ao sair da barra começaram a tornar-se lividos muitos rostos com o enjôo, e resolveram afogar o mal e as saudades em abysmos de somno.

A' noite, quando passei pela segunda classe, dormiam homens e mulheres ao lado uns dos outros, sem biombos nem cortinados de resguardo, com marmitas de lata penduradas á cabeceira.

E' que os passageiros do Estado embarcados em navios da armada não vencem melhor ração que qualquer marinheiro; senão dispuzerem de recursos para pagar por elevadissimo preço as refeições dos officiaes, teem que ir duas vezes por dia buscar o rancho ao caldeiro geral, em meio das chufas da marinhagem.

Levámos oito dias a chegar a S. Vicente de Cabo Verde, magnifico porto explendidamente situado n'um ponto unico para a navegação que demande terras d'Africa ou America. Ao saltar em terra, invade-nos uma atmosphera pezada de tristeza e carvão. Vê-se que só as auctoridades são portuguezas, tudo o mais é extrangeiro, predominando o elemento britannico.

Exactamente o mesmo que succede em Lourenço Marques, em Quelimane, no Chinde e n'outros pontos da provincia de Moçambique, onde o nosso dominio, com excepção da estreita facha do littoral, tem sido mais nominal do que real.

Angola, S. Thomé, e principalmente Loanda, offerecem a olhos portuguezes aspectos muito mais consoladores a todos os respeitos. Do Zaire ao Cunene sente-se palpitar o esforço, a energia e o capital nacionaes, livres dos tentaculos monstruosos da pôlva britannica.

Na Guiné, desde tempos immemoriaes que extensas florestas de palmeiras, subindo do solo requeimado a embalar-se nas nuvens, parecem supplicar amparo e protecção para aquelles uberrimos territorios, que só esperam uma lufada rija de actividade honrada para se transformarem

em grandiosos mananciaes de riqueza. Vae para cinco seculos que os viajantes assignalam, ao abandono, sobre a orla dos vastos estuarios que se espreguiçam de Cacheu a Cassini, os mesmos arvoredos, recortados pela larga folhagem da borracha e d'outras madeiras preciosas, entre as quaes se podem mencionar o mampatache, a salanca, a goiaba, o mogno. Apezar da Guiné continuar no estado primitivo, e as suas condições climatologicas serem pouco favoraveis em quanto não houver habitações convenientes, trabalhos de canalisação e esgotos, uma hygiene cuidada, hospitaes e medicos em numero sufficiente; poderiam os europeus estabelecer-se sem receio na região insular, se a segurança pessoal não fosse alli ainda uma garantia desconhecida. Para além das muralhas da praça de Bissau — uma praça que caberia perfeitamente no Terreiro do Paço, existe a pilhagem, os morticinios, que as nossas pobrissimas guarnições não podem impedir.

*

* *

Uma visita rapida ás visinhas colonias inglezas e quatro annos gastos na Africa Austral mostraram me a necessidade, antes de tudo, de alienar alguns retalhos coloniaes que para nada mais nos servem do que exportar empregados, dispender caudaes de vidas e dinheiro, crear conflictos.

Estão n'este caso a India, Macau, Timor.

«A India — escreve Oliveira Martins — que em Gôa fórma um breve territorio encravado no imperio britannico — não falando nos pequenos presidios de Kambay, *(Damão*

e a ilha de *Diu)* — é densamente povoada por indigenas. (110 hab. por kil. quad.). Essa população, outr'ora fabril, tinha em Moçambique o mercado consumidor dos seus tecidos, e ia vivendo. A producção melhor e mais barata, das manufacturas inglezas arruinou a industria canari. O fabrico do sal, para consumo da peninsula hindustanica, mantem uma fonte de rendimento (383 salinas com 2:000 pessoas); e o dizimo e outras contribuições directas formam uma receita fiscal absorvida pelas despezas. Nem como estabelecimento portuguez, porque a população européa é minima (1:856 hab.); nem como fonte de um commercio importante, porque a exiguidade do territorio e a concorrencia ingleza o impedem; nem como destino de uma emigração, porque é densamente povoada, a India offerece perspectivas de um futuro brilhante. O tratado de 1879 com a Inglaterra valerá de decerto muito para a prosperidade de um trato de terreno onde habita quasi meio milhão de homens, por isso mesmo que augmentará a intimidade de relações com a India ingleza, destacando cada vez mais de Portugal esse alfoz da Gôa historica. Para a economia da nação portugueza e para o futuro colonial, a India, e todas as mais possessões orientaes, importam cousa nenhuma.

Macau encontra-se em condições similhantes. Cidade commercial maritima, sem alfoz, porto-franco na costa da China, o estabelecimento tem de portuguez o nome apenas. E' uma cidade chineza governada por mandarins nossos. Quando a suppressão do trafico dos negros levou as colonias occidentaes a procurarem nos chinezes um substituto dos escravos, Macau tornou-se o porto de embarque dos *coolies*. O anno de 1886 foi o auge d'essa emigração, que, decadente em 1871,[1] era prohibida no anno de 1873. Seccada essa fonte de receita, ficaram os impostos directos, as loterias, a contribuição do *fantam* — Macau é uma casa de jogo — para dar um rendimento que os empregados portuguezes consomem. Esse mesmo rendimento acabou

[1] 1886 — 24:000; 1871 — 16:000.

D. SANTOS GUERRA

NO PAIZ DOS VATUAS

Historia da guerra de Lourenço Marques

Com muitissima justiça se diz que, apezar da sua pequenez, nenhuma nação tem enchido o mundo de feitos tão gloriosos como Portugal.

Leroy Beaulieu.

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1896

Ao Senhor conselheiro

ANTONIO ENNES

Homenagem ás suas primorosas qualidades de Homem e Escriptor, e ao alto criterio e patriotismo com que dirigiu a campanha.

INTRODUCÇÃO

Por uma risonha tarde de primavera, innundada de sol e tonalidades fulvas, achei-me a bordo d'um transporte da nossa marinha de guerra, que largava do Tejo para os portos d'Além-Mar.

Era um navio de ferro pintado de amarello, já gasto pelos annos e pelo constante navegar, que deitava perto de seis milhas por hora, a toda a força! A bordo iam mais de quinhentas pessoas, militares, paisanos, operarios contractados e vadios deportados, embora o navio não tivesse accommodações nem para metade. Olha a difficuldade!

Transformou-se a coberta em caserna, alinharam-se sobre compridas tarimbas algumas duzias de colchões para os individuos de posição media, e toca a navegar! que o mar vae de feição.

Ao sair da barra começaram a tornar-se lividos muitos rostos com o enjôo, e resolveram afogar o mal e as saudades em abysmos de somno.

trimestralmente, o districto mais cheio de importancia e responsabilidades (a ponto de estar exigindo governo autonomo) obedeceria a novo plano governativo, se tal plano fosse possivel d'organisar em tão pequenino lapso de tempo.

Um dos defeitos chronicos da nossa administração ultramarina tem sido a falta de estabilidade e má escolha dos funccionarios superiores. O sr. Thomaz Ribeiro contou no parlamento as poderosas influencias movidas para elle prover certo parasita n'um governo subalterno d'Angola. O ministro, procedendo a averiguações, soube que era tão immoral como inepto e por isso não o nomeou. Imaginem o espanto do honrado vate beirão vendo despachado algum tempo depois de sair do ministerio, o antigo pretendente d'um governo inferior para o cargo de governador geral d'uma das mais rendosas provincias ultramarinas! Já vae sendo tempo de abolir o monopolio das nomeações militares para os cargos superiores do ultramar, assim como de graduar os vencimentos e a duração das commissões conforme o risco e asperezas do cargo. Evidentemente, não ha inconveniente em prehencher com officiaes de mar ou terra os altos logares da governação publica, com tanto que elles dêem garantias bastantes da sua competencia e dedicação. O inconveniente, ou melhor, desastre, sobrevém quando um decreto demissionario forjado ordinariamente por intrigas ou necessidades eleitoraes, vêm cortar os talos das medidas governativas em floração.

Muito differente é o processo empregado pelos homens de governo das nações verdadeiramente colonisadoras. Esses sabem perfeitamente que são precisos longos annos de permanencia entre as populações indigenas para se poder

descortinar uma linha de proceder capaz de ir gradualmente afastando os milhares de obstaculos que a todos os momentos estão surgindo. O europeu está muito distante do africano ou do asiatico para prevêr o que elles poderão desejar, ou sómente tolerar. D'aqui a necessidade de organisar leis especiaes para individuos que ninguem pensa em converter nem naturalisar, e o dever imprescindivel de nomear funccionarios d'intelligencia limpida e caracter integro, refractarios aos temores e ao despotismo. Em consequencia da complexidade governativa das nossas possessões, ellas nunca poderão ser administradas com exito senão por aquelles que as têem estudado e percorrido com interesse.

A magistratura ultramarina (e mesmo a do continente) carecem de independencia e prestigio.

Sem uma classificação justa das comarcas, sem escala fixa que regule as promoções, sem prohibição de exercerem as chicanas da advocacia; os magistrados ultramarinos, não terão a independencia nem o prestigio necessarios ao exercicio do seu alto ministerio.

Os regimens, civil e penal indigenas, carecem d'uma reforma radical. Dar a pretos que ainda hoje arrastam uma existencia quasi prehistorica liberdades e direitos similhantes aos dos europeus das praias luzitanas, é querer sustentar utopias e estabelecer parallelos muitissimo pouco lisongeiros e sensatos.

Ainda não ha muito tempo assisti em Lourenço Marques a um dos aspectos mais funambulescamente ridiculos da nossa politica ultramarina. Havia eleição de deputados, e caso raro, era guerreada.

Empregados do commercio e capatazes das obras publicas e caminho de ferro vinham chegando á frente de enor-

mes bandos de negros, formados a dois do fundo, entoando canções indigenas. Chegados á entrada do salão onde se realisava o acto eleitoral, aquelles conscienciosos eleitores recebiam um copo d'aguardente e uma listaque iam lançar na urna, com uma convicção que facilmente se calcula.

A' volta, bebiam mais um calice complementar de *mata-bicho* e principiava o jogo das cabriolas, berraria e batuques. Ao assignar das actas não pude deixar de levantar um caloroso *viva* ao senhor D. Miguel II.

Offerecem tambem interesse e ao mesmo tempo originalidade, os casamentos que europeus civilisados e africanos por civilisar, por lá contraem com as jovens pretas. Na costa de Moçambique a puberdade costuma manifestar-se ordinariamente dos doze para os treze annos, o que leva os pretendentes a desejar as raparigas um pouco antes d'aquella idade—não vão elles receber alguma decepção.

Para isso encarregam uma «pessoa competente,» d'essas que existem em toda a parte, para descobrir e arranjar beldade em harmonia com o paladar do candidato ao casamento cafreal.

Feito isto, o resto trata-se com os paes da «noiva».

Duas libras em oiro, quatro jardas de riscado, meia duzia de botijas de genebra e alguns fios de missanga, e está o contracto fechado. Sómente ao desdar o nó, quando se quer annular a ceremonia, é preciso empregar muita habilidade e diplomacia, para, quando menos se espera, nos não arriscarmos a ingerir alguma droga venenosa, juntamente com o café de Inhambane.

E' para populações tão triumphantemente civilisadas, de moral tão pura e sublimada, que os governos de Sua Magestade Fidelissima estão resolvidos a exportar as antigas liberdades portuguezas.

O preto adora a ociosidade, e não se molesta com permanecer encarcerado n'uma casa gradeada, onde lhe servem uma alimentação relativamente boa, e onde as mulheres lhe vão levar tabaco em abundancia.

E emquanto isto succede, faltam trabalhadores no serviço das obras publicas, e as ruas das cidades permanecem n'um estado lastimoso. Evidentemente, todas as razões aconselham o emprego dos trabalhos forçados como a pena mais proficua e adquada ao preto.

Para a boa administração e prosperidade da Costa Oriental, é indispensavel que os dois districtos de Lourenço Marques e Inhambane passem a formar uma nova provincia autonoma, á frente da qual esteja um homem de prestigio e larga iniciativa. Cumpre affirmar desde já o nosso dominio um pouco mais além das praias de Moçambique, onde permanece restringido. Por Angoche, Ibo, Fuco, e outros pontos, vão fazendo mouros e zanzibaritas um muito lucrativo commercio de escravatura.

E' necessario organisar guarnições de confiança no interior, defender o caminho de ferro de Lourenço Marques, já que a Beira e sua linha estão completamente inglezados, colonisar efficazmente os pontos salubres e ferteis.

Só assim poderemos levantar o sonhado imperio portuguez em Africa, e livrar aquelles uberrimos territorios do circulo de ferro que as rijas musculaturas de allemães e inglezes vae cada dia apertando em volta d'elles com mais vigor e energia.

I

Traços geraes dos landins — Feitiços e feiticeiros — Justiça summaria e sabia

Os territorios onde se desenrolaram os successos da campanha contra os vátuas e landins, ficam situados dentro do triangulo formado pelos districtos de Inhambane e Lourenço Marques, com o vertice assente sobre esta explendida cidade.

Ambos os districtos são ricos em ouro, carvão, diamantes, e cortados por uma vasta rêde de rios entre os quaes se destacam o Inhampalella, o Chicomo, o Limpopo, o Incomati e o Matolla.

Com excepção d'este ultimo, todos elles são navegaveis a uma grande distancia da sua foz.

Os terrenos regados por tão abundantes cursos d'agua não podiam deixar de ser, como são, extraordinariamente ferteis.

Pois apezar d'isso a agricultura permanece no estado primitivo, posto que a maior parte das especies

cultivadas na metropole lá produzam com opulencia extraordinaria.

Se fosse licito duvidar d'esta affirmativa ahi estava a herdade R. Nunes, vasta concessão no Incomati, que mãe e filho souberam transformar de matagal espesso n'uma explendida fazenda agricola cheia de bençãos e abundancia.

E' necessario conhecer o cahos da nossa legislação sobre concessões de terras, a inercia do preto e o elevadissimo salario por elle exigido, para se poder fazer uma idéa approximada do que representa em trabalho e capitaes uma exploração d'esta ordem.

Os indigenas não precisam nem querem trabalhar mais do que o necessario para comprarem uma espingarda e algumas mulheres que os dispensem de cultivar o milho, a mechoeira, o feijão, e lhes proporcionem os regalos appetecidos.

Para isto se resolvem a emigrar facilmente para a cidade e ainda para o Cabo e Natal, d'onde regressam apenas tenham conseguido juntar o peculio almejado.

O alcool, a guerra, as mulheres, eis o que caracterisa os pretos landins e muito especialmente os vátuas, que ainda esperam uma lei energica de trabalho, sem iniquidades, para trocarem os ocios e a pilhagem por um trabalho util e remunerador.

As mulheres, algumas das quaes apresentam provocantes typos de belleza, não costumam usar mais do que algumas voltas d'algodão riscado em torno da cintura, cordões de missanga ou grandes contas de vidro colorido ao pescoço, e braceletes de cobre e metal.

São ellas as que fabricam o pombe, especie de cer-

veja muito da predilecção dos cafres, e desempenham todos os mais serviços concernentes ás escravas.

Os rapazes dos 13 aos 18 annos servem nas guerras como auxiliares encarregados de arrecadarem o saque, conduzem as provisões, ou guardam os rebanhos.

Todo o landim de idade superior a 19 annos é considerado como um guerreiro com obrigação de acudir ao primeiro chamamento do regulo.

O seu armamento consiste em armas de fôgo de differentes systemas, em que predominam as pederneiras, azagaias, machados, mócas e um grande escudo de couro de boi endurecido ao sol.

Emplumam a cabeça com penachos negros d'avestruz. Cotovêllos e joelhos enfeitam-n'os grandes tufos de crina, que as correrias fazem eriçar. Quando dão entrada em qualquer povoação estranha, manobrando ao som dos seus hymnos guerreiros, os collares de garras de leão e chifres, juntamente com anneis de fio de latão e ferro polido que lhes adornam pulsos e artêlhos, produzem um tinido compassado, rythmico para o canto, que nunca deixam esmorecer nos exercicios bellicos.

Uma das figuras mais interessantes que destaca no meio d'estas hordes selvaticas, é o feiticeiro, o Deus ex-machina das deliberações momentosas.

O feiticeiro participa do antigo astrologo e do «bento» provinciano; é ordinariamente um espertalhão que pede offerendas para a sepultura dos mortos, com o fim de as ensacar pela escuridão da noite.

E no dia immediato os parentes do finado não terão duvida em se mostrar radiantes por terem polido

certificar-se de que o querido defuncto chegára alfim a ser agasalhado por os amigos do outro mundo, graças aos «saguates» offertados.

O feiticeiro deixa crescer a felpuda carapinha a ponto de segurar n'ella unhas de tigre e dentes de crocodilo, que lhe circumdam testa e pescoço. Nenhum regulo, por mais denodado que seja, tem a audacia de fazer a guerra ou resolver qualquer negocio importante, sem os vaticinios do feiticeiro lhe serem propicios.

Alem d'isso, tratam os doentes, curam as mordeduras das serpentes e têem o dom de adivinhar nas entranhas das victimas os acontecimentos que hão de vir.

Foi-me dado assistir na Zambezia á condemnação á morte d'um preto por suggestões do feiticeiro.

Tratava-se do furto d'um relogio roubado em casa da *Senhára* [1] D. Victoria por um dos muleques.

Uma pretita ainda creança veio dar parte do desapparecimento da cebola, quando estavamos assistindo por uma brilhantissima noite de luar a um batuque dado em honra da dona da casa para festejar o seu anniversario natalicio.

Mandou-se immediatamente chamar o feiticeiro, ou sapenda, que pouco depois caía no meio do enorme circulo onde ao som compassado dos «teúras» dansavam «apále» e «namale», rapazes e raparigas.

O figurão apresentava-se trajando uma especie de capa de pelle de hyena, collares de conchas, langotim de antilope e penacho emplumado; na mão empunha-

[1] Descendente de branco.

-va uma móca cravejada de pregaria amarella com fiadores de cauda de macaco.

Principiou por dar saltos prodigiosos, acompanhados por uma quantidade enorme de gritos roucos e sarilhos de massa; era um preto alto, vigoroso, de meia edade, com as orbitas muito esbugalhadas, d'onde chispavam relampagos sanguinarios.

Depois de dar por terminados esta especie de exercicios acrobaticos, trouxeram amarrados os tres muleques em quem recaiam as suspeitas do furto.

Tres rapazelhos com ares de sagacidade, o mais velho dos quaes contaria uns 16 annos.

Iam ser submettidos á prova do «moave»

O moave é o nome d'uma arvore cuja casca eminentemente venenosa póde produzir a morte, vomitos ou incommodos nullos, conforme a doze empregada fôr maior, menor ou minima. Mas a forma mais geralmente usada consiste em lhe fazer obedecer as palhinhas.

O sapenda mandou buscar um feixe de lenha e uma panella d'agua fria.

Em quanto se accendia a fogueira foi servida aos assistentes uma roda de agua ardente, que acabou por os enthusiasmar.

Acocoraram-se, n'um circulo largo, em volta do lume d'onde irrompiam linguas de chamma, gritando e gesticulando com uma vivacidade de que só são capazes os cafres.

Quando a agua principiava a ferver, o sapenda temperou-a com moave pulverisado e tres palhitas de dimensões deseguaes, a representar os tres accusados.

D'alli a instantes as palhitas oscillavam vivamente sobre cachões espumosos que a fervura levantava.

Uma d'ellas, a mais pequena, foi a primeira a saltar fóra.

Grande regosijo do mais novo dos muleques que estava declarado livre de culpa e da faca.

O sapenda em frente da fogueira, tirava grandes fumaças do seu enorme cachimbo de manga, seguindo attento as fluctuações dos dois pedacitos de capim sobre a agua, que a evaporação principiava a fazer minguar.

Começavamos a impacientar-nos quando o feiticeiro sacando novamente da cabacinha tornou a polvilhar a agua de moave.

Immediatamente a palhita mais comprida, redemoinhando n'um borbulhão mais forte, veio escorregando pelo barro fóra n'uma bolha d'espuma.

D'alli a poucos minutos a cabeça da desditosa creança, que um fragmento de capim acabava de condemnar, rolava aos pés d'um cataquizumba. [1]

Estava feita a justiça do sertão.

Oha! ohé! ohé!

Toca a beber, a arranhar as laminas das caçanzas [2] a bater os teúras, que o batuque vai recomeçar com mais enthusiasmo.

Ohá! ohé! ohé!

---

[1] Nome dado por os indigenas aos pretos que vestindo calças, querem ser tratados pelos outros como brancos e como taes se consideram.

[2] Instrumentos musicos compostos de fitas estreitas de ferro deseguaes, fixas a uma pequena tabua, guarnecida de conchas ou discos de lata. Toca-se fazendo vibrar as laminas com as unhas dos dêdos pollegares e indicadores.

II

Situação de Lourenço Marques ao explodir da rebellião — As Terras da Corôa e a cobrança dos impostos — Primeiras operações

A bahia de Lourenço Marques foi descoberta em 1556 pelo navegador portuguez do mesmo nome. Vasto e bello estuario onde vem desaguar o Incomati, o Espirito Santo, o Umbeluze, o Tembe e Umfuzi, fórma um dos melhores portos naturaes do mundo e o unico ancoradoiro abrigado e seguro da Africa meridional.

A cidade estende-se por uma lombada arenosa que corre na riba esquerda do Espirito Santo e n'elle residem governador e mais funccionarios districtaes, com excepção do chefe militar das Terras da Corôa que habita em Anguane, perto de Incomati a 15 kilometros do porto.

Este funccionario, official superior do exercito de Africa, é uma especie de intermediario entre o governador e os regulos sujeitos ao dominio portuguez. Exi-

ge conhecimentos especiaes, muito tacto e habilidade para ouvir as suas queixas, decidir questões diariamente suscitadas e prever todos os movimentos insurreccionaes.

E' claro que um logar de responsabilidades tão altas se torna perigoso nas mãos d'um individuo sem prestigio, estranho ao correr da diplomacia indigena, como era o ultimo chefe.

Vivia ainda o velho Mapunga, regulo da Magaia, quando seu irmão Mabêja resolveu separar-se d'elle, vindo estabelecer-se com muitos dos seus partidarios em terras situadas dentro da esphera do Mapunga, que não deu importancia ao caso, deixando Mabêja e os seus em inteira independencia.

Por fallecimento de Mapunga succedeu-lhe seu filho Mahazul, rapaz impetuoso e aguerrido, que não quiz reconhecer a independencia do tio, o que deu origem a numerosos litigios decididos pelo chefe militar das Terras a favor do Mabêja.

Mahazul não se conformou com semelhante decisão e enviou áquelle quatro dos seus grandes, ou indunas, annunciando-lhe que immediatamente levaria a guerra aos campos do tio.

O coronel, ouvida a embaixada, deu ordem aos unicos cinco soldados pretos que tinha á sua disposição, para prenderem os indunas.

Estes, que eram acompanhados de setenta guerreiros landins, gritaram por soccorro. Travou-se a lucta de que resultou a fuga de dois indunas e o principio das hostilidades contra o nosso dominio.

O coronel apressou-se a dar conhecimento d'estes factos pelo telephone ao governador que immediata-

mente fez marchar para Anguane a secção de cavallaria do Corpo Policial, 12 cavallos, e sessenta e duas praças d'infanteria sob o commando do capitão Aguiar e dois subalternos.

Entretanto tratava o Mahazul de reunir a sua gente de guerra e de concertar alliados entre outros regulos circumvizinhos, o que lhe não foi difficil perante o descontentamento produzido pela elevação do imposto de palhota de nove tostões a 1$350.

Devo dizer de passagem, que a fórma porque na provincia de Moçambique se tem feito a cobrança do imposto não deixa de ser injusta, immoral e por vezes vexatoria. Sóltos das formalidades dos recenseamentos e fiscalisação, os cobradores não faziam entrar nos cofres senão uma parte do que recebiam; o Gungunhana, pelo facto de levantarmos as nossas magras contribuições não dispensava nenhum de as pagar a elle tambem.

Por ultimo a injustiça de se exigir o pagamento só aos indigenas que nos permaneciam fieis; o que equivalia a dizer que só pagavam os que reconheciam efficazmente a nossa soberania ou que habitavam muito proximos do littoral, tornando-se preferivel permanecer em revolta permanente ou mascarada a viver em paz contra quem principia por sacrificar os seus amigos — porque o fisco até na Africa representa um verdugo.

Os vátuas, maputos, makangas, namarraes e outras muitas tribus, nunca pagaram um ceitil d'imposto, ao contrario do que succede no Natal onde os pretos são obrigados a pagar 15 shellings por palhota, ou no Transwaal onde lhes exigem nada menos de uma libra sterlina.

*

* *

Mahazul conseguiu resolver o moço regulo da Zichacha, Mamatibejana, a tomar o seu partido no movimento contra a nossa soberania. Esta resolução tomada em conselho dos seus «grandes» não foi isempta de vigorosas opposições. A mãe foi a primeira a oppôr-se a tão perigosa decisão, recordando os resultados que as guerras trouxeram a seu defunto marido: derrotas, prisão e desterro.

Ao ouvir isto, Mamatibejana encheu-se de furor, a ponto de ameaçar a mãe e de a obrigar a retirar do conselho. Logo um tio do regulo, tomando a palavra, levou a ousadia a ponto de se manifestar abertamente contra a idéa da revolta. Mamatibejana respondeu-lhe pegando d'uma carabina e desfechando-a em pleno peito do velho e prudente tio, com grande applauso dos seus «indunas.»

O regulo da Zichacha é um preto de 25 annos, intelligente, despotico, arrojado, conservando intactas as tradições guerreiras do pae e do avô Amule. Quem mais contribuio para que se decidisse a levantar 2.000 guerreiros contra os portuguezes foram as perfidas instigações do seu «induna» Mapatacanha, sujeito cuja influencia no animo do regulo era enorme.

Em fins d'agosto de 1894 Mahazul e Mamatibejana estavam á frente de 16:000 homens, ameaçando Anguane, tendo antes posto em logar seguro mulheres e rebanhos.

Logo que a guerra se faz annunciar, os invalidos e os anciãos largam da mão a escudela cheia de mechoeira ainda fumegante que estavam comendo com o garfo dos dedos; pegam das armas, do chifre tabaqueiro e das pelles, carregam todos os demais haveres ás costas das mulheres e dos filhos, reunem os rebanhos e seguem para o interior.

Chegados a um logar adequado fazem alto, procuram grutas ou abrem grandes covas ao pé do arvoredo.

Feito isto deitam os gados a pastar, e estabelecem os seus penates com despreoccupação e simplicidade admiravel.

Em meados d'outubro desembarcava em Lourenço Marques, vindo de Moçambique, o governador geral da provincia, general Fernando de Magalhães e assumia a direcção da campanha.

Principiou-se por organisar trabalhos de defeza em Anguane, abrindo trincheiras e cobrindo-as com troncos d'arvore, levantando obstaculos com fios metallicos e abrigos para atiradores.

No dia 24, forças dos rebeldes mataram um cabo de cavallaria do Corpo Policial, fazendo uma demonstração com cêrca de 1:500 homens.

O tenente Gaspar com 22 soldados, não podendo soffrer que o inimigo dispuzesse da liberdade completa de movimentos, obtem auctorisação do general para fazer um reconhecimento nos arredores, destróe as trincheiras dos pretos e consegue animar extraordinariamente a nossa pequena guarnição.

Ao amanhecer de 25 correu que Anguane, onde apenas tinhamos 200 homens ia ser atacado por 12:000 landins armados, o que obrigou o commandante a re-

duzir o campo a um pequeno quadrado solidamente fortificado, uma das faces do qual, apoiando-se no pantano, não tinha necessidade de defeza. [1]

Uma metralhadora e uma peça de campanha defendiam a estrada da cidade e batiam todo o espaço que media até ao caminho da Zichacha. Duas outras metralhadoras defendiam este caminho e batiam o terreno restante até á estrada que conduz ao paiz de Gaza.

Completavam a defeza mais duas peças de lanternetas, de fórma a cruzarem os fogos d'um modo perfeito. Havia tambem uma quantidade sufficiente de foguetes de guerra e munições em abundancia.

Entretanto explodia a noticia de que os rebeldes marchavam sobre a cidade; os inglezes desembarcavam forças de marinhagem com o pretexto de protegerem o seu consulado; os missionarios protestantes faziam circular os mais alarmantes boatos; um panico geral ia apoderando-se de todos os espiritos a principiar pelo general Magalhães, o qual se apressou a reunir conselho em que tomaram logares elle governador geral, o governador do districto, o commandante da *Rainha de Portugal*, o director do caminho de ferro e tenente-coronel d'artilharia Araujo, o commandante da policia, resolvendo-se evacuar Anguane e concentrar toda a defeza na capital do districto.

As forças deviam regressar sem perda de tempo á cidade com munições, bagagens, artilharia, depois de terem lançado á lagôa tudo o que não pudesse ser conduzido.

---

[1] Sr. Augusto de Castilho.

A retirada d'Anguane foi um êrro e a prova de que temiamos a pretalhada.

Os estrangeiros e landins olharam-na como a mortalha do nosso dominio na Africa Oriental.

Allegara-se no conselho que a defeza do campo era fraca, pois consistia apenas em arames de bicos seguros a postes, o que não era inteiramente exacto. Que as condições estrategicas eram pessimas, podendo o inimigo passar entre este ponto e a cidade sem perigo; que esta se achava mal guarnecida e sem meios d'enviar mantimentos para Anguane. Finalmente, que, se os revoltosos atacassem Lourenço Marques, presenciariamos fatalmente uma catastrophe tremenda.

Estas ponderações aproveitaveis em muitos lances de guerras europeias, mostram uma falta de conhecimento do guerrear indigena, para quem uma retírada é uma confissão de derrota e inferioridade.

Os pretos vencem-se mais pelo arrojo e pela audacia do que pelo numero e constancia dos combatentes.

Além d'isso, os negros não pódem desprender-se do receio innato d'entrar á mão armada nas povoações d'europeus.

E tanto isto é certo que elles chegaram a matar um empregado do caminho de ferro junto á Ponta Vermelha, a assassinar a filha do Funileiro e a roubarem-lhe a mulher.

Uma noite, pela baixa do Mahé, puderam avisinharse da rua D. Luiz; o que nunca tentaram foi assaltar a cidade.

Por muitos motivos decidiram os officiaes d'Anguane pedir pelo telephone ao governador que se mantivesse o posto, o que foi recusado.

Eram onze horas d'uma noite limpida e estrellada quando a guarnição d'Anguane entrou em Lourenço Marques, a essa hora cheia de barricadas e sobresaltos.

Nas Terras da Corôa ficaram enterradas munições, algum armamento e seis canhões encravados.

Parte da guarnição da *Rainha de Portugal* fazia serviço em terra com peças e metralhadoras. Todos os habitantes estavam em armas.

O governador fez publicar um bando a annunciar aos moradores que ao primeiro signal do inimigo se deviam reunir na *Praça 7 de Março*, onde se tinha levantado o principal nucleo de defeza.

Bellos prognosticos e animadoras palavras, caídas de tão alto em ouvidos estrangeiros!

*

* *

Mas onde estavam então aquelles 4:530 homens a quem o decreto de 27 d'abril de 1893 confiava a defeza da provincia de Moçambique?

Conservavam-se embrulhados nas folhas do *Boletim official*, assistindo risonhos do alto das paginas aos pavores dos nossos capitães.

De facto, sem fallar por excessivamente ridiculas, nas 20 mangas dos cypaes a businarem em cornetas que não comprehendiam nem sabiam tocar, os tres batalhões de caçadores estavam organisados de tal modo que o batalhão aquartelado na Ponta Vermelha (Lourenço Marques) não pôde apresentar, ao estalar da re-

volta, uma força de 50 praças para marchar em direcção a Anguane.

Por Quelimane e Moçambique succedia outro tanto.

As diminutas forças que compunham os quadros dos batalhões africanos andavam dispersas por um grande numero de pequenos destacamentos, que não faziam mais do que emborracharem-se, brigarem e pilharem, sem instrucção nem disciplina, que lh'a não podiam dar os officiaes e sargentos commandantes.

Os regulos avassalados que não adheriram á revolta tambem não estavam dispostos a auxiliar-nos, conservavam-se em espectativa, vendo-nos fugir dos nossos postos e ouvindo gritar pela bocca do inimigo, que eramos *mulheres das mais fracas.*

Só o da Matolla se nos conservava fiel.

Os maputos tendo acudido ao chamamento do governador em numero proximo a 6:000, debandaram para as suas terras, deixando na praia as armas que lhes tinhamos confiado. Estes valentes alliados, a quem um jornal lisbonense teve a ingenuidade de chamar bravos e de polvilhar d'adjectivações encomiasticas, não chegaram a entrar em operações.

Os negros, em constantes correrias, roubavam e matavam mesmo ás portas da cidade.

Um navio de guerra inglez, o *Racoon*, apparecia nas aguas de Lourenço Marques, quasi ao mesmo tempo que Cecil Rhodes, o famoso primeiro ministro do Cabo.

O consul allemão por seu lado requisitava tambem um navio da esquadra de Zanzibar.

As nossas colonias da Africa austral pareciam oscillar em temores e inepcia.

Tal era a situação, quando chegaram a Lourenço Marques os dois transportes fretados, *Angola* e *Cazengo*, o primeiro com 400 indigenas embarcados em Loanda e o segundo com um corpo de tropas do 2.º batalhão de caçadores n.º 2 da metropole sob o commando do major José Ribeiro Junior, e uma bateria de artilheria com 4 canhões, 5 cavallos e 20 muares.

Esta força compunha-se de 22 officiaes combatentes e 600 praças de pret.

Iam tambem 1 cirurgião-ajudante, capellão, corrieiro, espingardeiro, coronheiro, encarregado das bagagens, material d'ambulancia e carros de munições.

Pouco depois entravam o porto a corveta *Affonso d'Albuquerque* e a canhoneira *Rio Lima*.

Foi então que o governador do districto Canto e Castro se resolveu a fazer reoccupar Anguane e a iniciar uma offensiva tão anciosamente esperada. [1]

«No dia 5 de dezembro pelas 4 horas e 30 minutos da madrugada a patrulha de cavallaria do corpo policial, que formava a flecha da vanguarda, sahiu pela porta do recinto fortificado.

No terreno que se estende á esquerda do cemiterio estavam formadas as differentes unidades que constituiam a força da expedição: duas companhias de guerra do batalhão expedicionario, a 3.ª e 4.ª, sob o commando dos seus respectivos capitães e officiaes; uma companhia de caçadores n.º 5 (colonial); uma força de 23 cavallos da guarda de policia, sob o commando de um alferes; a bateria de artilheria expedicionaria com todo o seu effectivo de officiaes, praças,

[1] *Portugal em Africa.*

gado, artilheria e municiamento de 60 tiros por bocca de fogo; uma força de auxiliares commandados por Mello Breyner e um troço de carregadores; 15 carros carregados de munições de guerra e mantimentos; dois carros de munições, etc. Commandava a expedição o governador do districto, o sr. Canto e Castro; a infanteria o sr. major Ribeiro e a artilheria o sr. capitão Machado. Ao todo 600 homens.

A vanguarda compunha-se da patrulha de cavallaria acima referida, alguns voluntarios a cavallo, e por um troço de auxiliares, a pé; seguia-se a secção de sapadores e a bateria de artilheria apoiada por uma companhia de caçadores (a 3.ª).

O corpo da columna constava d'uma companhia, em pé de guerra, de caçadores n.º 2 (expedicionario) e um contingente de caçadores n.º 3. A' frente d'este corpo marchava, como é da praxe, o estado maior, constituido pelo general commandante (o governador Canto e Castro), ajudante de ordens chefe do serviço de saude (dr. Arnaldo Menezes) e outros officiaes, entre os quaes figurava como voluntario o capitão de engenheria e director das obras publicas da provincia, H. Barahona e Costa.

O comboyo formado pelos carregadores e vehiculos, ia escoltado por uma companhia de caçadores 3 e um piquete de cavallaria; a guarda da rectaguarda era formada por um contingente de caçadores 3 e por um piquete de cavallaria; os flanqueadores por soldados de cavallaria policial.

A vanguarda fraccionou-se logo no inicio da marcha. Os esclarecedores e tropa irregular (auxiliares) adiantaram-se consideravelmente, lançando fogo a al-

gumas cubatas que encontravam e estabelecendo contacto com o inimigo a um kilometro de Anguane, quando a columna estava ainda muito distanciada.

As viaturas e carros, por excessivamente pesados e pela natureza arenosa do solo, que muito difficultava o transito, foram-se retardando cada vez mais, tendo por fim chegado um momento em que se operou a scisão da columna em tres fracções: a vanguarda em exploração, de que já fallámos, a secção de sapadores, a bateria de artilheria e uma companhia de caçadores formando outra fracção — e o resto da columna, que ficou presa ao movimento dos vehiculos, que acompanhou.

A's 7 horas e tres quartos a vanguarda em exploração defrontava a cerca d'um kilometro de Anguane com cinco landins—evidentemente postos ali de vedeta.

Estes retiraram precipitadamente encorporando-se ao grosso das forças que occupavam Anguane e que testemunhas de muito credito reputaram em alguns centos de landins.

A's 3 horas e um quarto, achando-se o governador com o seu estado maior entre os exploradores e a vanguarda, sahiram do bosque que cobre Anguane e vieram a toda a brida dois cavalleiros.

Eram o sr. Cohen (voluntario) e um soldado de cavallaria, que iam annunciar que o inimigo estava acampado no local onde tivemos o nosso commando militar. O dr. Napoles (voluntario), Marianno Machado, Delongle e tres soldados de cavallaria acompanhados dos auxiliares pretos perseguiam a esse tempo o inimigo que retirou em debandada, evacuando n'um momento a posição.

Dadas as ordens para preparar para combate, seguiram para Anguane o governador, engenheiro Barahona, dr. Arnaldo, etc., encontrando a posição abandonada.

Momentos depois entrava a secção de sapadores e a artilheria seguida pela 3.ª companhia de caçadores 2 (expedicionaria). Eram 8 horas e meia da manhã.

O resto da columna só muito mais tarde chegou estando ás 3 horas e 3 minutos da tarde, ainda em movimento a cauda do comboyo e a guarda da rectaguarda que o cobria. Era já o momento da retirada.

As peças que ali deixaramos não foram damnificadas. Tinham-se-lhes tirado as culatras quando a posição foi abandonada. Espalhados pelo terreno viam-se os vestigios do vandalismo a que se entregaram os landins com o que ali fôra deixado. Aqui um cofre de munições arrombado e vasio, além uma casa com os vidros todos partidos, as divisorias arrancadas, portas e janellas despedaçadas. No meio d'uma barraca um cofre á prova de fogo arrombado em duas faces e derrubado. Por toda a parte a pilhagem, o desconforto d'uma nudez absoluta, nem um banco, nem uma cadeira ou qualquer movel que escapasse á rapinancia dos malvados! Não queimaram as barracas porque se serviam ainda d'ellas para abrigo.

As munições e armamento que foram enterrados desappareceram e via-se o chão escavado em alguns sitios.

Logo que as tropas entraram no recinto fortificado estabeleceram-se vedetas nos pontos onde a linha de abatizes tinha sido cortada pelo inimigo. A artilheria tomou posição a poente dispondo as suas peças em

bateria, os sapadores de infanteria começaram a armar as tendas abrigos e as restantes tropas estabeleceram bivaque.

Houve dois alarmes promovidos pelo apparecimento de bandos de revoltosos nas eminencias visinhas. Dois tiros de peça e desappareceram como fumo.

No dia 5 houve por duas vezes noticias do acampamento de Anguane. A noite, que foi muito tempestuosa, foi passada pelas tropas debaixo de armas.

A's duas horas da madrugada as vedetas e sentinellas accusaram a approximação do inimigo e todos correram aos postos de combate. A chuva era torrencial. Assim estiveram em armas até ás 7 horas da manhã, hora a que o inimigo deixou as immediações de Anguane, naturalmente por ver mallograda a surpreza com que queria dizimar os nossos.

No mesmo dia em que saiam as forças para Anguane, deixou o porto de Lourenço Marques, com direcção ao rio Incomati uma secção naval composta de dois pequenos vapores armados em guerra — o *Xefina* e o *Bacamarte* (recentemente comprado no Natal).

Carpinteiros das obras publicas tinham estado alguns dias a bordo d'estes barcos construindo as necessarias defezas e abrigos. Iam os vapores armados de metralhadoras e peças de 8.

A expedição naval devia tambem bater a ilha Xefina, que fôra pouco antes theatro de um sanguinolento drama.

Carlos Lopes, neto do heroico lobo do mar o patrão Lopes, seguiu, como seu avô, a valorosa profissão de maritimo.

Em novembro convidou alguns companheiros a irem

fazer uma pescaria. Quizeram dissuadil-o mostrando-lhe o perigo de se arriscar na bahia, para o lado onde canôas inimigas facilmente lhe podiam causar alguma surpreza desagradavel. Carlos Lopes teimou e lá foram, elle e mais tres brancos, n'uma embarcação. Dobraram a Ponta Vermelha e metteram ao norte, mas a curto espaço o vento salta-lhe á prôa e forçoso foi arribar á ilha Xefina, por estar o mar já muito grosso. A ilha estava occupada por Mahotos revoltados, sobre os quaes Carlos Lopes e os companheiros imprudentemente fizeram fogo. Os rebeldes retiraram para o interior da ilha e a noite passou-se sem novidade. De manhã, quando procuraram a lancha que os conduzira, não a encontraram. Fizeram então uma jangada, em que tomaram logar dois companheiros de Carlos Lopes. Este e outro ficaram esperando a chegada do barco que a jangada ia pedir. Ainda estes não se afastavam 100 metros, quando os seus tripulantes viram com horror os negros cahirem em bando sobre os desgraçados marinheiros que haviam ficado em terra, victimando-os n'um instante. Faziam horror os cadaveres, tão trucidados foram.

No dia 7 regressaram os vapores *Xefina e Bacamarte*. Tinham subido o Incomati dois kilometros para cima do Maçaquesse.

As margens cobertas de mangal espesso abrigavam numerosos landins que fizeram nutrido fogo sobre os nossos. O bombardeamento durou 4 horas. O inimigo soffreu muitas baixas. Nós tivemos apenas tres marinheiros feridos, dois nas mãos e o terceiro nos tecidos molles d'uma perna. Um punhado de ballas foi extrahido, das anteparas umas, outras que cahiram

sobre o convez depois de se terem achatado sobre o escudo das metralhadoras. Eram todas esphericas. O *Bacamarte* chegou a ser furado por uma bala na amura.

O regulo de Matola mandou dizer ao governador por um dos seus grandes que sentia muito que o não tivessem convidado para tomar parte na expedição a Anguane. Que elle regulo e a sua gente «não eram mulheres» e que não gostaram de vêr os brancos irem sósinhos para a guerra, sem os chamar para seu lado, a partilhar os perigos.

III

Chegada do commissario regio — Vista retrospectiva sobre Lourenço Marques — Morte do commandante da *Bacamarte*

A chegada do sr. Antonio Ennes a Lourenço Marques abre uma nova phase na campanha, e merece ser registada.

Pouco depois de sair dos conselhos da corôa, foi o sr. Ennes nomeado commissario regio em Moçambique para d'accordo com o major inglez Leverson, proceder á delimitação dos nossos territorios.

Difficuldades inesperadas fizeram com que o sr. commissario regio tivesse de regressar ao reino sem levar a cabo a missão de que tanto esperava o governo, tendo de se contentar com um estudo minucioso da provincia, que desenvolveu n'um relatorio lucidissimo, já hoje raro, e em contemplar os soldados da sua expedição debatendo-se n'um littoral de areia ardente em inglorios combates de febres.

Durante todo o tempo que se conservou em Lisboa

continuou a ser commissario em Moçambique, o que era um pouco extraordinario, sem ser inutil, porque o sr. Ennes trabalhava sempre, e com proveito, no serviço do paiz.

Chegado á nossa primeira cidade da Africa Oriental, installou-se no palacete da Ponta Vermelha, á entrada da bahia, d'onde podia vêr com magua a grandeza do nosso desleixo, continuando a deixar sem caes acostaveis, sem fortificações, nem as minimas obras de defeza, um porto estrategico tão formoso e cubiçado.

A cidade tem sido um sorvedouro permanente dos cofres do estado, porque teve de pagar por um preço elevadissimo a aprendizagem e as dissipações da maioria dos empregados enviados de Lisboa. Officiaes analphabetos eram conductores d'obras publicas, operarios contractados pelo governo appareciam repentinamente guindados a empreiteiros d'obras que elles tinham obrigação de construir, mesmo sem os extraordinarios lucros e arranjos das empreitadas. Lourenço Marques era suja e insalubre e hoje está decente e habitavel, apresentando ao viajante um aspecto lindissimo com as suas largas avenidas estendidas pela encosta, á sombra de renques arborisados, d'onde sobresahem os edificios publicos elegantemente construidos, picando o céo com o bico das agulhas.

Infelizmente, n'esta terra portugueza, quasi tudo é estrangeiro a principiar pelo terreno [1].

---

[1] De 34 estabelecimentos de 1.ª e 2.ª ordem, apenas 6 são portuguezes.

A população, muito fluctuante e por isso incerta, deve approximar-se a 1:300 habitantes, metade estrangeiros.

O valor dos immoveis particulares é de 30 mil contos e

A primeira cousa que desperta a attenção do viajante ao percorrer pela primeira vez as ruas da antiga villa, o bairro commercial, são uns individuos semi-nús de pelle acobreada, acocorados em cima dos balcões.

São baneanes, parses e batiás, os quaes juntamente com os mouros e outros commerciantes das Indias se elevam á respeitavel cifra de 5:000 em toda a provincia de Moçambique.

Chegados de Damão ou de Bombaim a bordo dos seus pangaios, adaptando-se perfeitamente ao clima

---

o das mercadorias á venda superior a 5 mil contos. O capital social das casas commerciaes alli estabelecidas está calculado em 379 mil libras, em que apenas entra o elemento portuguez com 12 por cento!

Um dos melhores edificios é o hospital militar e civil, onde os doentes recebem um tratamento de primeira ordem. Durante o anno de 1889 entraram lá 1:742 doentes; sairam 1:653 curados e 54 melhorados; falleceram 35. Predominaram as febres renitentes.

No 1.º semestre de 90 entraram no hospital 1:173 doentes, e sairam 1:103 curados e 41 melhorados; fallecidos 29.

Em 1893, só em outubro, morreram 24 europeus.

O rendimento da Alfandega em 1874 foi de 369 contos; no 1.º semestre de 1890 subio a 112 contos; em 1891 190 contos; em 1894 attingio 3:400. Em 1892 entraram a bahia 228 navios, em 1893, 251, em 1894, 281, sendo 18 portuguezes, 203 inglezes, 2 francezes, 37 allemães, 5 suecos, 11 norueguezes, 3 arabes, 1 hollandez e 1 dinamarquez; e por esses navios e pelo caminho de ferro houve o movimento commercial de generos importados no valor de reis 1.055:894$733 e em transito de 2.247:979$927 reis, quando em 1893, o movimento de importação fôra só de reis 788:553$628 e 603:224$222 reis de transito, e em 1892 o total do movimento fôra apenas de 1.234:663$551 reis.

tropical e ao modo de vida indigena, sobrios e trabalhadores por indole e avaros de natureza, são os unicos negociantes que se encontram fóra do circulo das cidades e villas. Sabem adquirir rapidamente a estima e consideração dos selvagens, acabando por os explorar d'uma maneira torpe e escandalosa.

Mas que querem os senhores?

Nós sômos assim.

Reconhecemos que o unico meio de promover rapidamente o desenvolvimento das nossas colonias é acabar por uma vez com essa prejudicial elevação de tarifas, ceifar todos os embaraços que difficultam a administração e o commercio, abrir communicações terrestres, dar garantias de segurança á propriedade, e não sômos capazes de acertar com um governador que se conserve meia duzia d'annos no seu posto!

Até ao presente, os capitaes retrahem-se surrateiramente quando se falla d'emprezas africanas, não porque muitos não saibam que bem applicado lhes produziria um juro elevadissimo, mas porque desconfiam que o seu dinheiro vá cair em mãos d'improvizadores de companhias imaginarias ou exploradores de bolsas alheias.

*

* *

Em 5 de janeiro de 1895 é que chegou a Moçambique o sr. conselheiro Ennes com poderes amplos para regularisar a situação da provincia, que estava bastante afogueada ainda, apezar de muitos esforços concentra-

dos. Partindo pouco depois para Lourenço Marques alli deu principio á campanha que tão brilhantemente havia de terminar, elaborando ao mesmo tempo um plano de administração digno d'um consumado estadista e d'um caracter honestissimo.

Foram os dois officiaes do estado maior do corpo expedicionario capitão Eduardo Augusto da Costa, tenente Ayres d'Ornellas, juntamente com o valente e já fallecido major Caldas Xavier [1] os encarregados de formular o plano de operações, que seis dias depois estava concluido, não obstante as grandes difficuldades inherentes áquellas regiões.

O commissario regio organisou na Ponta Vermelha com 5 officiaes e um medico uma repartição de gabinete, quasi sempre reduzida ao sr. Ennes e ao amanuense canarim.

Os officiaes andavam por fóra em serviços de campanha; o ajudante de campo Ornellas seguira para o Natal e Estado do Orange a arranjar cavallos e muares para o serviço da expedição; o proprio dr. Braga era a toda a hora reclamado pelos seus doentes.

Foram dias angustiosos os que o commissario regio passou nos primeiros tempos da sua chegada. Emquanto o amanuense copiava officios ia elle relembrando

[1] Caldas Xavier morreu em janeiro em Lourenço Marques, rebentado pela alta pressão dos serviços que ultimamente desempenhára como encarregado do serviço de transportes da columna de Inhambane. Foi elle o commandante da expedição de voluntarios a Manica, o organisador dos primeiros elementos de defeza quando estalou esta guerra, e sempre e em tudo, um dos mais prestimosos e destemidos campeões do nome portuguez em Africa.

as transformações porque desde 1545 tinha passado o velho prezidio.

E pela mente do insigne estadista iam perpassando as scenas desoladoras da rebellião de 1838, em que Lourenço Marques ficou inteiramente destruida.

Em 1842 os landins rebellam-se, batem-nos e acabam por assassinar o governador.

Em 1872 ainda Lourenço Marques continuava a ser um prezidio mal afamado, pouco conhecido de nacionaes e estrangeiros e circundado por uns muros rôtos, onde repousavam não sei quantos obuzes mais perigosos para os nossos artilheiros do que para as *impis* inimigas.

Uma duzia d'europeus que então lá havia, tinham de esperar por muitos mezes navios de Portugal. E se as communicações por mares eram raras e incertas, as de terra apresentavam-se difficeis e perigosas, motivo porque só os mais audazes se afoitavam a emprehendel-as.

N'esse tempo a guarnição compunha-se de 50 pretos e 20 degredados, mais occupados em reparar o telheiro da Alfandega e a palhota da residencia do governador, do que os serviços de guarnição.

Em volta das muralhas estendia-se o pantano sem drenagem, apertando n'um circulo de miasmas a mirrada povoação; os centros cafreaes isolavam-se no sertão pela ausencia de caminhos conhecidos e seguros; o gentio receava o europeu, o branco desconfiava do negro. [1]

Foi n'esse mesmo anno de 1872 que os negros da Zichacha assaltaram o prezidio, varejando por cima dos

[1] *O Commercio de Lourenço Marques.*

muros com settas e azagaias o pequeno numero dos defensores.

Foram repellidos e obrigados a retirar com grandes perdas.

Em 1876 apparecia em Moçambique uma expedição de obras publicas, que tres annos depois dava começo aos estudos do caminho de ferro.

Em 1883 principiava a construcção da linha para Pretoria.

E ao recordar estes factos o commissario regio via os governadores e capitães-geraes do seculo XVIII mercadejando, roubando; os missionarios continuando no sertão a serie de vergonhas que os tinham feito degredar da India.

*

* *

Em 28 de janeiro de 1895 estava a columna de operações em marcha, na força de 900 homens.

O tempo apresentava-se chuvoso, e os soldados pretos mal podiam mover-se dentro dos uniformes de panno talhados á europeia. A maior parte, apenas transpostas as primeiras duas milhas, já não podia caminhar nos butes.

Quasi todos os angolas os descalçaram, enfiando-os nas espingardas.

Nas colonias hollandezas e italianas vêem-se os soldados de côr vestidos simplesmente com bonet, blusa e amplos calções de brim, prestarem serviços que os

nossos caçadores d'Africa com a traparia de uniformes-prisões seriam incapazes de desempenhar.

Caldas Xavier ia na rectaguarda, um pouco isolado, pensando no arrojo dos landins que tinham chegado a avançar a 1 kilometro da cidade, destruindo completamente a linha telephonica, matando dois portuguezes capatazes da linha e mais de 70 indigenas.

Um bando de tres mil landins roubara muitas mulheres, incendiára na Matola não poucas palhotas e fôra atacar o acampamento d'Anguane.

E não terem podido ser apanhados por as forças de caçadores 2 e do corpo policial que lhes haviam ido no encalço !

No dia immediato desencadeou-se um temporal medonho, o que não obstou a que se batesse toda a margem direita do Incomati, até Marracuene, a 30 kilometros da cidade. A canhoneira *Neves Ferreira* e varias lanchas subiram tambem o rio. Os rebeldes abandonaram as suas posições.

Em 31 de janeiro reoccupavamos novamente Anguane, abandonada pela segunda vez, e acampavamos em Marracuene, principal fóco da revolta.

Depois do meio dia seguiam rio acima as pequenitas canhoneiras *Xefina* e *Bacamarte* quando o inimigo rompeu um vivo fogo das duas margens, respondendo-lhes as nossas metralhadoras e kropatcheks.

Pelas 3 horas a *Bacamarte* forçava de novo a linha da pretalhada nas alturas de Pissene.

A bordo suffocava-se com calor.

O sol a pino, dardejava fitas incandescentes sobre a pequena guarnição, a quem o fogo da metralha e o ardor da peleja parecia carbonisar.

Os negros businando chifres e soltando o seu terrivel ba-ba-ré (preludio da carnificina) surgiam em magotes á flôr do capim, desfechando e desapparecendo logo, ceifados pela metralha.

O commandante da *Bacamarte*, Filippe Nunes, a meia ré e abrigado pela frente, commandava a faina, e dirigia o combate com firmeza.

Empurrou-o do seu posto uma bala que lhe atravessou o coração, fulminando-o instantaneamente.

Duas milhas adiante encontraram bordejando a barca do filho do patrão Lopes, havia dias trucidado com os seus companheiros na ilha Xefina.

Nos olhos da marinhagem chisparam clarões de odio e vingança.

Equipavam a barca 20 pretos, todos armados, que se apressaram a fazer fogo.

Nenhum dos revoltosos escapou, para contar aos outros a sangrenta vingança do commandante da *Bacamarte*.

Pela madrugada de 2 fevereiro a columna de operações sob o commando dos majores Ribeiro e Caldas Xavier estava em Marracuene debaixo d'um molinhar impertinente, semi-adormecida na somnolencia peculiar ao alvorecer das manhãs tropicaes.

Repentinamente um fogacho avermelhado cruza o acampamento; uma companhia d'angolas recúa para aquém da linha de defeza gritando que o inimigo nos está atacando.

Os nossos põem-se em armas e principiam a sustentar um tiroteio nutrido, que transforma o bivaque n'uma especie de cratera rubra a vomitar linguas de fogo.

Logo ao principio, o tenente Ornellas com a maior serenidade, puxa do relogio e toma nota da hora a que começava o combate.

Alguns soldados de caçadores 2 (europeus), apercebem-se de que as balas lhes vem bater nas costas.

Os angolas fraquejando, tinham deixado penetrar o inimigo no acampamento, havendo um momento de perigo, em que os nossos soldados estiveram mettidos entre dois fogos. Debalde Paiva Couceiro e Raul Costa, pondo-se á sua frente, tentam fazel-os avançar á bayoneta. Só a serenidade e bravura de officiaes e soldados europeus nos podia valer, como valeu.

Por fim os negros de Mahazul e Zizacha bateram em retirada depois de perderem mais de 300.

Nós tivemos 4 soldados europeus mortos e 9 feridos, incluindo n'estes 1 official do corpo policial.

O combate de Marracuene exerceu uma influencia enorme no decorrer da campanha; levantou o nosso antigo prestigio, animou e fortaleceu as tropas, ao passo que acobardou os landins.

No dia immediato as forças retiraram para Anguane, ficando Marracuene guarnecido.

Foram batidas as margens do Incomati, destruindo-se as povoações de Goaba, Muzuruquel, Mururbe, Venbachela, Bujuana e outras.

Os regulos das terras de Intimane, pondo-se a nosso lado, puzeram em fuga os revoltosos da Xerinda, ficando pacificadas as terras da Corôa.

Não offerecem interesse nem tem importancia as subsequentes operações que medeiam entre este periodo e a abertura da campanha contra o Gungu-

nhana, e por isso me parece preferivel fixar a attenção na pessoa do commissario.

Uma das suas primeiras medidas destinou-se a fechar a bocca aos exportadores conscientes de mentiras para os jornaes inglezes e transwalianos, sob pena de expulsão dentro de 24 horas.

Uma pena macia como velludo, a que Paiva Couceiro entendeu dever accrescentar por sua conta uma duzia de bengaladas. Martinez Campos em identicas circumstancias, em Melilla, mandava-os fuzilar.

Veiu depois a suppressão do jornal *O Futuro de Lourenço Marques*, semanario cheio de meiguices e louvores emquanto lhes attenderam indicações e pedidos; mas que depois atacava os interesses superiores do estado com uma ferocidade cruel.

E o commissario regio não só teve de prohibir a publicação do *Futuro*, mas de impedir o nascimento de rebentos do tronco morto.

Taes prohibições foram mal vistas por todos, e muito principalmente por aquelles que se recordavam das suas ardentes e brilhantes campanhas a favor da liberdade de imprensa sem restricções.

Em toda a provincia de Moçambique se acostumaram a designar o commissario pelo nome de *Rei Antonio*, querendo com tal expressão significar não só o illimitado poder de que dispunha, e que tanto contribuiu para o nosso triumpho, como tambem o seu intransigente espirito de justiça e honestidade.

N'um tempo de baixeza, mentira, immoralidade, em que os politicos fluctuam n'um charco de corrupção, esta rarissima qualidade merece ser assignalada.

Frequentes vezes as mais salientes individualidades

da nossa politica militante se vem queixar das campanhas de descredito levantadas para lhes denegrir os caracteres ou amesquinhar acintosamente os merecimentos.

Deve haver alguma verdade n'estes lamentos; mas o que é certo é que as punhaladas que a paixão politica, o odio, ou mentira fazem vibrar ao peito dos homens honrados, resvalam por a couraça da reprovação unanime da opinião.

Os que ficaram marcados com stygmas infamantes é porque mais ou menos se afastavam do caminho honrado e digno.

Ahi têem os senhores este vulto aprumado do commissario sobre quem tantas censuras, invectivas e malquerenças caíram; pois nunca ousaram abocanhar-lhe a diamantina honradez.

Não é agora occasião opportuna para fallar dos estudos e providencias com que o commissario regio sustentou o caminho de ferro atravez de mil difficuldades, accudiu á alfandega e a tantos outros problemas de administração, porque o Gungunhana está a chamar-nos pela bocca dos seus cem mil vátuas.

*

* *

Logo no principio da campanha se voltaram os olhares dos funccionarios militares de Moçambique para o paiz de Gaza, onde o grande potentado vátua tinha o seu «kraal» ou residencia.

Intitulando-se elle subdito de Portugal, vestindo nas occasiões solemnes a sua farda de coronel de segunda linha, com que o nosso governo houve por bem agraciál-o, dispondo de numerosas e aguerridas hostes; parecia natural que accudisse a juntar os seus guerreiros aos que defendiam a bandeira portugueza, essa mesma bandeira a cuja sombra elle tantas vezes se tinha acobertado nos momentos de perigo e que alli continuava arfando ao sopro da mesma aragem que lhe refrescava o arcaboiço que o fogo dos vicios incendiava.

Mas afóra estas circumstancias outras havia ainda de pezo e molde a fazerem-nos suppor o chefe dos vatuas como um alliado devotado.

O seu melhor amigo, o unico homem que tinha conseguido ser visitado pelo Gungunhana antes de se apresentar no seu kraal, era um funccionario de confiança da Companhia de Moçambique, antigo secretario, governador da provincia e intendente geral dos negocios indigenas no paiz dos vátuas.

Durante todo o tempo que esta especie de embaixador esteve a representar-nos na côrte ngera, era um correr permanente de riquissimos e appetitosos *saguates* ou presentes, um dobrar constante de humilhantissimas imposições para vêr se conseguiamos cimentar bem solidamente a amizade do senhor de Gaza.

A sua influencia estendia-se do Limpopo ao Zambeze, o que equivale a dizer que dominava n'uma immensa area de territorios governados subalternamente por um rebanho de regulos que muito o detestavam, mas mais o temiam.

Ora o sr. commendador-conselheiro, por mais de

uma vez tinha affirmado solemnemente que o bojudo tonel do nosso melhor vinho do Porto se conservaria sempre a nosso lado nas horas do perigo.

Vem a sublevação dos regulos das Terras da Corôa e o rei vatua bem longe de cair sobre os nossos inimigos, agachou-se no coval da emboscada e d'ahi principiou a arremessar-nos um chuveiro de projectis, muito a salvo dos seus untos e dos seus rebanhos.

Submettidos os rebeldes em Lourenço Marques, o commissario regio quiz haver ás mãos os instigadores da revolta, e por isso taxou as cabeças dos regulos da Magaia e da Zichacha em 200 libras cada uma, 100 libras a do famoso «Finish» e em 250$000 a dos outros indunas factores da guerra.

Apezar porém de tão grande premio não appareciam as almejadas cabeças, em virtude do que se resolveu antes de tudo, saber o logar onde estariam acantoadas.

Não tardou muito a adquirir-se a certeza de que os regulos revoltosos e seus indunas se haviam refugiado em terras do Gungunhana.

Apurou-se tambem que os regulos insubordinados tinham recebido auxilio de gente e dinheiro do potentado negro, o qual acolheu mulheres e rebanhos das regiões conflagradas.

Tratou-se de sondar as disposições do Gungunhana com respeito á entrega dos prisioneiros; primeiro negou que se tivessem refugiado nas suas terras.

Depois apertado n'um circulo estreitissimo de provas, recorreu aos subterfugios, ás tergiversações, tão communs á diplomacia cafreal.

Em taes circunstancias tornava-se impossivel asse-

gurar a tranquilidade, fomentar a riqueza e prosperidade da Africa Oriental sem tornar inoffensivo o rei vátua, quer annullando-lhe todos os meios de resistencia, quer quebrando-lhe todos os dentes venenosos.

D'aqui a exigencia de garantias efficazes ou uma campanha immediata capaz de acabar de vez com um poderio prejudicial ao nosso dominio.

Como recusasse as primeiras resolveu-se recorrer á segunda.

Levariamos a guerra a Manjacaze.

IV

Os vátuas sob o Gungunhana — Manejos de Cecil Rhodes
Negociações frustradas

Das tribus que povoam a Africa meridional portugueza a mais aguerrida, nobre, altiva, a que apresenta caracteres mais virís e dominadores, é innegavelmente a dos vátuas.

Possuindo em alto grao o sentimento do mando, esta raça não consente os mais fracos liames d'independencia aos povos entre o Limpopo e o Zambeze.

Altos, fortes, robustos, passam o melhor do seu tempo exercitando-se no manejo das armas tanto brancas como de fogo, e em correrias aos territorios dos pequenos regulos que levantam a audacia a ponto de lhe oppôrem resistencia.

D'essas correrias, que tantas vezes levaram a morte e a destruição ás povoações chopes, regressavam os vátuas cheios de despojos, trazendo um grande cor-

dão de mulheres aprisionadas, depois de terem feito morrer toda a gente que não podia acompanhal-os.

Os prisioneiros são distribuidos por os povoados e creados como se fossem lá nascidos. Chegados á epoca propria ninguem lhes contesta aptidão para os altos cargos.

As raparigas têem facilidade em casar com os descendentes dos povos submettidos, se não preferem cultivar os campos ou empregar-se nos serviços domesticos.

E' rarissimo os vátuas ligarem-se a mulheres d'outra raça, pois conservam vivo o sentimento de repulsão pelos crusamentos.

Em 1860 achava-se o Muzilla esbulhado da soberania vátua por seu irmão Mauéva, que tambem descendia como elle do celebre Manicusse.

O governo portuguez resolveu intervir a favor do Muzilla e no anno immediato tinha este reconquistado a perdida realeza.

Pelo fallecimento do Muzilla veio o poder a cair nas mãos de seu filho Mundagaz ou Gungunhana, o qual inaugurou o seu reinado mandando matar todos os filhos de seu pae que lhe não mereciam confiança.

Além d'isso, fez degollar muitas dezenas de victimas para solemnisar o grande acontecimento.

Em 1885 o residente Cazaleiro Rodrigues firmava relações officiaes com o Gungunhana e conseguia estabelecer o nosso protectorado.

Em abril de 1886, apresentou-se em Lourenço Marques uma embaixada do regulo para tratar da sua mudança de residencia, o que o governo portuguez nunca deveria ter consentido.

O Gungunhana conservou-se até 1889 no Mussurize, na povoação de seu pae; n'esse anno, em consequencia da epizootia lhe atacar os gados, deixou as margens do Save e foi estabelecer-se a um dia de viagem do rio Limpopo, em Manjacaze. [1]

O Gungunhana tem perto de 50 annos.

E' sagaz, energico e robusto, e tinha no seu kraal perto de 50 mulheres, filhas dos seus principaes indunas, com as quaes costumava gastar oito horas diarias.

As manhãs eram habitualmente empregadas em inspecções ás manadas, ás plantações ou aos negocios do estado.

Em 1887 mandou a Lisboa uma embaixada, que foi apresentada pelo residente Cazaleiro; dois annos depois serviu-se enviar-nos outra a puxar á fama do sr. commendador Almeida.

Em junho de 1890, o intendente geral, acompanhado de dez intendentes subalternos, officiaes do exercito na sua maioria, varios professores e professoras, as esposas de dois intendentes, interpretes, creados europeus, lavandeiro, uma ou duas ensacas de sipaes, armamento Kropatschek, metralhadoras Gatling, magnifico rancho, mobilia e vistosos uniformes, foi estabelecer-se em Zefunhe, perto da povoação do regulo vátua.

A povoação onde este pessoal acampou passou a chamar-se Violante, nome da esposa do sr. Almeida.

Por esse tempo, um inglez arrojadissimo, encarregado officialmente de representar a rainha Victoria no

[1] O nome proprio da povoação é Manganhuana, do rio que perto corre. Manjacaze é o nome especial do kraal onde residia o chefe vatua.

Cabo, e officiosamente de se apoderar dos mais ricos territorios sul-africanos, dignava-se lançar os seus olhares d'aguia sobre Manjacaze.

Este personagem merece algumas linhas de apresentação. Filho d'um humilde pastor protestante, [1] viu-se aos quinze annos condemnado pela medicina a uma vida breve e cheia de soffrimentos. Em vista de o declararem cheio de tuberculos, quiz tentar um supremo esforço de salvação, indo procurar ao longe, nas regiões da luz, as revivificantes caricias do sol.

Com um sacco de mão debaixo do braço e alguns schellings na bolsa, embarcou a bordo d'um navio que se dirigia para a Africa.

Chegado ao Natal, arrendou uma herdade, entregou-se corajosamente a diversos trabalhos agricolas. Falharam-lhe os calculos, e desappareceram os ultimos recursos. Ia provavelmente naufragar n'um mar de miseria, a milhares de leguas de todos os seus, quando lhe chegaram aos ouvidos uns boatos vagos sobre a descoberta, no interior, d'uma mina de diamantes.

Não gastou um momento a hesitar. Partiu immediatamente n'uma carroça de bois, e á força de paciencia e de energia, conseguiu ser um dos primeiros que chegaram ao Karou.

Foi então que a fortuna se resolveu a bafejal-o. Activo, intelligente, o moço tuberculoso, conquistou simultaneamente saude e riqueza.

Pois nem estas duas preciosidades o satisfizeram. Reflectindo que ainda lhe faltavam dois elementos es-

---

[1] Henri Nicolle — *Cecil Rhodes et les anglais au Transvaal.*

senciaes ao remate de todos os grandes emprehendimentos — a instrucção e a educação, partiu para Inglaterra, agarrou-se aos livros com enthusiasmo, conseguiu diplomar-se em Oxford, e elevar-se ás mais altas dignidades.

Esta prodigiosa organisação d'aventureiro pertence a um homem que hoje tem mais de quarenta annos, robusto como um Hercules, cem vezes millionario.

Chama-se Cecil Rhodes, era recentemente ainda primeiro ministro do Cabo, organisador de sociedades poderosas, inspirador da famosa *British South Africa*, a alma da *The Beers Diamand Mining*, o «rei dos diamantes» emfim.

Foi este verdadeiro senhor d'um imperio colossal, quem acceitou e aproveitou os serviços do celebre Johnston, que primeiramente os offereceu ao governo portuguez a troco d'umas quatro mil libras.

Cecil Rhodes prevendo a proxima perda para a sua patria do Canadá, do Cabo e da Australia, e, guiado por motivos politicos, estrategicos e economicos, projectou escamotear-nos o Limpopo e fundar novas Indias. A Inglaterra garantia-lhe plena liberdade d'acção, encorajava-o, como de resto encoraja em todas as latitudes os seus agentes, esses pseudo-exploradores, esses semi-flibusteiros, cujas intrigas aproveita, emquanto o seu excesso de zêlo os não leva a praticar actos tão condemnaveis que necessitem ser desauctorados solemnemente á face do mundo.

A occupação da Matabeland, da Mashonaland e da Bechuanaland, collocou os inglezes na necessidade de se servirem dos nossos portos, unicos capazes de abrir áquellas immensas e riquissimas regiões, uma commu-

nicação rapida com o mar. Ora isto de a gente se servir pelo que é dos outros não é seguro nem lucrativo, e por isso Cecil Rhodes resolveu minar o nosso dominio.

Sabendo quanto o Gungunhana era cioso da sua independencia e os embaraços que seria facil fazer-nos levantar, enviou o dr. Aurel Schutz a Manjacaze com ricos presentes, armamento Remington e munições em abundancia. Tambem o mesmo agente ia munido de um grande massete de jornaes londrinos [1] onde ardia uma violentissima campanha de descredito contra Portugal.

E o caso é que, ou fiadó nas forças do Cabo ou nos seus milhares de guerreiros, o rei vatua alardeava exigencias para com o nosso governo, devorava-nos quantias enormes em saguates e desprezava as nossas indicações.

Em 1886 mandou invadir o districto de Inhambane por 30.000 homens, que, descendo Massunige no alto Save, arrasaram os Mesangos e Velancules, até Massinga.

Chicungura ficou assignalada como o logar d'um horroroso morticinio.

Desviados os vátuas da villa por o máu tempo e por a presença das canhoneiras *Vouga* e *Bengo*, que accudiram, correram sobre o Binguana, um regulo avassalado que sempre se conservou fiel ao nosso paiz.

Foi elle assassinado na aringa de Inhassune, envolvido na bandeira portugueza.

Seu filho Chependanhana achou meio de escapar

[1] *Times, Pall Mall Gazette, Morning Post, Sheffield Daily Telegraph, Glasgow Herald, South Africa.*

com uma centena de fieis, que se foram refugiar em terras de Mocumbi e agora nos serviram de valiosos auxiliares.

Em 1890 governava o districto de Lourenço Marques o sr. capitão Mousinho d'Albuquerque quando chegou a Lourenço Marques na qualidade de commissario regio, o sr. Marianno de Carvalho.

Por essa occasião o capitão Geraldes, intendente de Gaza, offereceu-se para aprisionar o Gungunhana e os principaes indunas, aproveitando-se para isso da dispersão das *impís* ou companhias de guerra, que então andavam em correrias distantes.

Mousinho d'Albuquerque queria logo que o *Mac-Mahon* subisse o Limpopo com a guarnição reforçada, desembarcassem rapidamente perto de Manjacaze e se apoderassem do kraal por surpreza.

O sr. Marianno observou que lhe parecia de muita gravidade a empreza por poder servir de pretexto para os inglezes se apossarem dos territorios de Gaza, visto que um dos mais fortes argumentos que oppunhamos á cubiça britannica, consistia em os territorios pertencerem ao Gungunhana e este ser vassalo da nação portugueza.

Preso o potentado, podia muito bem succeder que os chefes se sublevassem e a Inglaterra os annexasse.

Consultado o governo pelo telegrapho não auctorisou o projectado aprisionamento.

*

* *

Em 24 de maio de 1895 tinham findado as operações no Incomati, tendo sido batida toda a margem desde a Macanda até Macanete, e arrasados todos os elementos de resistencia. As nossas forças tiveram então como auxiliares mil landins da Moamba, Matola e Xerinda.

Em 31 do dito mez a rainha dos Amatongas e o regulo Maputo, mandavam pedir perdão pelos attentados de setembro, offerecendo pagamento de tributo; ao mesmo tempo enviavam a Lourenço Marques o Mafôco, irmão do regulo e indigitado promotor da rebeldia.

Por decreto de 9 março do dito anno foram postos á disposição do ministerio do ultramar para embarcarem com destino a Lourenço Marques 2 batalhões d'infanteria, 1 esquadrão de cavallaria, uma companhia d'artilharia de guarnição, com secção de montanha, uma companhia mixta d'engenharia, e os serviços de saude, administração militar e material de guerra correspondentes áquellas forças.

O seu effectivo total elevava-se a 2193 homens, 7 cavallos e 10 muares, debaixo do commando do coronel Galhardo.

Commandante do esquadrão de cavallaria era o capitão Mousinho d'Albuquerque.

A 12, partia a bordo do paquete *Portugal* a primeira parte da expedição com 240 soldados.

Estas forças com as da primeira expedição sommavam 2500 homens, e foram divididas em duas columnas, uma ao norte e outra ao sul.

A primeira devia operar pelo districto de Inhambane e a segunda pelo de Lourenço Marques.

No dia 7 d'agosto o coronel Galhardo occupava Chicomo, na ribeira Damba, com 800 homens, tendo deixado em Cumbane prompto a avançar o corpo principal da columna.

Foi continuamente eriçado de difficuldades, febres e contratempos o caminho até Chicomo. Ninguem faz idéa do que custa conduzir uma columna d'europeus atravez de matagaes invios, senão quem por lá tem transitado.

Não havia meios de transportes, o gado morria, faltavam carregadores e mantimentos, os expedicionarios arrastavam-se debilmente, varejados pelas febres, o Gungunhana ia achando meio de protrahir as negociações, o que até certo ponto nos foi benefico pois só assim podiamos tomar posições no Chicomo e no Cóssine sem sermos atacados.

Os dois embaixadores vatuas enviados a Lourenço Marques, Intonga e Nijonji com o presente de pontas de marfim, 200 libras sterlinas e um crescido rol de presumidos aggravos dos portuguezes, foram devolvidos a Gaza, depois de se lhes dizer:

Que o rei, sentido pelo appoio e guarida prestados por o Gungunhana aos rebeldes das Terras da Corôa se recusára a receber o «saguate», e bem assim prohibira o conselheiro Almeida de passar o Chicomo emquanto não fossem entregues os chefes da revolta,

acoitados nas suas terras. Se estes no praso de 15 dias não tivessem sido entregues as tropas avançariam immediatamente sobre Manjacaze.

Esta nota levou tempo a formular não só para se poderem tomar posições seguras a salvo dos tiros inimigos, como tambem por haver noticia de ter fugido o famoso potentado.

A 14 recebia elle no seu kraal o conselheiro Almeida, os tenentes Souza Cardoso e Jayme d'Ornellas. Eis como o ultimo descreve em carta, a audiencia:

... Trato agora de dar uma ideia do espectaculo que presenciei n'esse dia, espectaculo que bem poucos europeus teem visto e com certeza o mais extraordinario a que tenho assistido. Pelas 9 horas da manhã, do matto que fecha a elevação onde está o kraal do Gungunhana, vinha saindo uma multidão de gente descendo a grande *langua de Manguanhana*. Ao chegar á planicie tudo isso fez alto, formando uma densa linha negra que nos fechava o horisonte. Lentamente se foi ella aproximando de nós e pouco a pouco se iam percebendo e distinguindo os vultos, quando se partiu em 6 columnas, duas d'ellas muito profundas ladeadas cada uma por duas mais pequenas. Eram as duas mangas de guerra dos Impafamane (homens altos) e Iynhony M'Chope (passaros brancos), dividida cada uma em tres troços (malange), na força de perto de tres mil homens cada uma, ostentando elles toda a galla e riqueza selvagem do magnifico traje de guerra dos guerreiros vatuas. Vinham porém armados só de cacetes em prova das suas intenções pacificas. Toda essa massa immen-

sa avançava para nós e cercando a residencia sem um ruido sequer, manobrando com uma precisão e regularidade que fariam inveja a alguns exercitos. A cerca de 500 metros de nós destacou-se á frente o bobo ou jogral do exercito litteralmente coberto de pelles de tigre, com um immenso capacete de pennas negras na cabeça e dando cabriolas, ladrando como um cão e cantando como um gallo. Já estavam as mangas junto á residencia, e as 6 columnas formaram linha em semi-circulo em volta de nós, vindo para a frente até 15 ou 20 metros um grupo de cerca de 100 homens. Entre estes vinha o Gungunhana que conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto retrato algum : era evidentemente o grande chefe d'uma grande raça. D'esse grupo adiantou-se um dos principaes, orando por bastante tempo, dando-nos as boas vindas em nome do regulo e da sua nação e terminando pela saudação vatua : bahete ! que repetida por milhares de boccas que nos cercavam produzia o effeito d'uma descarga de fuzilaria. Então o regulo adiantou-se, sentamo-nos e trocaram-se os mais cordeaes cumprimentos. E' um homem alto, e sem ter as magnificas feições arabes que tenho notado em tantos dos seus, tem-as sem duvida bellas, testa ampla, olhos castanhos intelligentes e um inquestionavel ar de grandeza e superioridade. Ao levantar-se fez-se de novo ouvir o estrondoso *bahete*! e formando outra vez as mangas em columna, mandou-as entoar o canto de guerra. Aqui devia eu parar. Nada no mundo póde dar uma pallida ideia da magnificencia do hymno, da harmonia do canto, cujas notas graves e profundas, vibradas com um enthusiasmo por 6:000 boccas, faziam estremecer-nos até ao in-

timo. Que magestade, que energia, n'aquella musica, ora arrastada e lenta, quasi moribunda, para resurgir triumphante n'um fremito de ardor, n'uma explosão queimante de enthusiasmo! E á medida que as mangas se iam afastando, as notas graves iam dominando e ainda por largo espaço reboavam pelas encostas e entre as mattas de Manjacaze. Quem seria o compositor anonymo d'aquella maravilha? Que alma não teria quem soube metter em tres ou quatro compassos a guerra com toda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos «cortados ouvidos» me ribomba o echo do terrivel canto de guerra vatua, que tantas vezes o esculca chope ouviu transido de terror, perdido por entre as brenhas d'estes mattos nos quaes vivo ha perto d'um mez. No dia seguinte fomos á *banja*, especie de conselho de estado onde teem assento só os membros da familia do regulo e os grandes senhores de terras, umas trinta e tantas pessoas ao todo, e entabolamos as negociações.

Desde o principio se nos apresentou uma grande difficuldade, a de convencer o Gungunhana de que a submissão ás nossas vontades o livraria da guerra. «Se as tropas são tantas e estão nas minhas fronteiras não foi só para que vocês me viessem cá dizer isso. Se eu já tivesse dito que não, percebia então essa aproximação.» Emfim seria longo enumerar os argumentos apresentados de um e outro lado em tres *banjas* de cerca de 4 horas cada uma. Só direi que admirei o homem que os jornaes d'ahi pintam como um bebado despresivel, e que discutiu durante tanto tempo com uma argumentação luzida e intelligente, raciocinada e logica.

V

Censuras á direcção da campanha — Combate de Magul — Mobilisação da columna norte

JÁ na metropole se iam levantando clamores rijos contra a fórma porque o commissario regio estava dirigindo a campanha, [1] quando teve logar o combate de Magul com a columna sul, do commando de Freire de Andrade e Couceiro.

Foi a 15 d'agosto que o sr. Ennes rompeu as negociações com o Gungunhana.

---

[1] *O Diario Popular* englobava o sentir geral n'este artigo:

O GUNGUNHANA E O CERCO.

Este cerco annunciado em telegramma pelo sr. commissario em Moçambique, parece-nos o famoso cerco de Troia, pelo menos pela demora nos resultados conseguidos. Ha já não sabemos que tempo que os jornaes affectos ao governo publicaram um telegramma do sr. commissario regio an-

As nossas forças occupavam então Stokolo e Chicavelle, com pontes lançadas sobre o Incomati para passarem a Magude e a Magul.

Além d'isso o *Neves Ferreira* vigiava o Limpopo e

---

nunciando ao paiz, e principalmente ás familias dos expedicionarios, que c Gungunhana estava cercado, qne lhe fôra enviado um *ultimatum* fulminador, e que as forças expedicionarias, commandadas por estrategico tão insigne, estavam prestes a colher ás mãos o terrivel chefe vátua, se elle acaso se não submettesse as imposições do nosso generalismo.

Exultam as gazetas, rasgam encomios os thuriferarios, o governo espalha a sensacional nova por toda a sua imprensa, as familias dos miseros expedicionarios antevêem proximo o regresso dos seus parentes, mas aos dias succedem-se os dias, o mysterio impenetravel cerrou-se de novo mais impenetravel ainda, as noticias particulares dão as forças immobilisadas, ignorantes do destino para que foram para alli, dizimadas pelas febres e pelas inclemencias do clima, ao passo que outras noticias de caracter mais official dão proximo o afretamento de um transporte para repatriar parte ou toda a expedição quando, ao mesmo tempo, se assegura com insistencia que o Gungunhana, tranquillo e socegado no seu kral, se acha ali rodeado de 7:000 dos seus mais validos guerreiros!

Sabiamos que o sr. commissario regio em Moçambique fora em tempos um dramathurgo distincto, mas ignoravamos que elle com o volver dos annos se entregasse á urdidura de comedias, distribuindo ao governo do seu paiz o inglorio papel de comparsa inconsciente de todo este acervo de factos, uns comicos, outros dramaticos que se denomina administração civil e militar da nossa provincia de Moçambique.

Já era extraordinario, assombroso, que o governo para uma provincia onde se ateara uma guerra com os indigenas guerra a tal ponto grave que por instantes estivemos

tinhamos postos destacados em Cossine, Manhissa, Incanbane, Marracuene e Xefinas.

Magul fica entre o Cossine e as terras de Intimane, apertada entre os montes que separam o Incomati do

---

para perder a melhor joia d'aquella provincia, tivesse a semcerimonia de nomear como auctoridade suprema um paizano, passando assim diploma de incapacidade ou de desconfiança a toda a officialidade do nosso exercito, o que n'outro paiz e em outro exercito menos... complacente, seria a queda inevitavel e immediata do governo que tal ousasse. Mas é por certo mais assombroso ainda, organisar expedições apoz expedições, envial-as para Moçambique, pol-as sob o commando discripcionario d'esse paizano, não tratar de informar-se do destino nem do papel distribuido a essas expedições, e ao contrario, deixando passar dias e mezes, victimar officiaes e soldados, sem tratar de inquirir, quando não fosse por dignidade propria, pela vida ao menos d'aquelles servidores da patria,do que se passa em Moçambique, onde centenares de vidas, e mais do que ellas a honra do nome portuguez, estão á mercê das diplomacias de um tal Almeida, enviado extraordinario do sr. commissario regio junto de sua magestade o Gungunhana!

Veio, como dissémos, ha tempo esse telegramma espectaculoso, dando o Gungunhana como cercado pelas nossas forças, isto ao mesmo tempo que o famigerado Almeida partia para lhe transmittir o temeroso *ultimatum*. O governo recebe este telegramma e communica aos quatro ventos, mas depois que se dissiparam os echos d'este famoso feito de armas, ou de arames, porque nem bem sabemos se foi phantasia do telegramma, segue-se durante quasi dois mezes o segredo mais desolador e mais impenetravel! O cercado rompeu o cerco? Fugiu? Foi colhido pelas nossas forças? Continúa como estava antes, e as nossas forças dizimadas pelas febres, á espera, não sabemos de quê nem para quê? Só o governo o sabe, se é que o sabe e ninguem mais parece pensar n'isto!

Limpopo, n'um terreno cheio de matagaes e capim.

Os vátuas divididos em 13 mangas com 6:000 guerreiros, principiaram por deitar o fogo ao matto, afim

---

Agora surge imprevista e inexplicavel a noticia de que se vae afretar um vapor para reconduzir parte ou toda a expedição! E' verdade? Ninguem o sabe ao certo. Mas, se é verdade, como parece sel-o, pois que se indica o *Zaire* até para este fim, qual fica sendo então em Moçambique a situação do sr. commissario rêgio, da expedição, do paiz, e do Gungunhana?!...

Sim, porque este dizem-no rodeado, no seu kraal, de um numeroso e aguerrido exercito, em que 7:000 guerreiros estão prestes para, á primeira voz, cahirem sobre os nossos territorios e destruir o pouco que resta ainda. Mas o cerco? Mas o *ultimatum*? Mas o famoso *Almeida*? Bem sabemos que tudo poderia figurar a primor n'uma hilariante comedia, que bem se podia denominar o *Cerco encantado* ou então a *Guerra de um Dramaturgo*, mas o prestigio portuguez abatido, tantas vidas sacrificadas, tanta saude perdida, o governo reduzido ás condições risiveis de comparsa inconsciente, o Gungunhana mais atrevido e perigoso pela impunidade, os riscos inevitaveis para toda a provincia de Moçambique, são indiscutivelmente, circumtancias bastante graves e bástante tristes, para que a comedia se não converta antes em drama sinistro e sangrento.

Mas não é apenas no que respeita á questão mais grave, porque entende com o brio e o decóro do paiz e entende ainda com a saude e com a vida das forças expedicionarias, sacrificadas, sem que o governo saiba para que fim nem porque causa, visto como as cartas dos expedicionarios não fazem senão perguntar para as suas familias, o que é que foram fazer a Africa e o que estão lá fazendo, immobilisados, sem mantimentos nem commodidades, esperando que as febres os dizimem a todos.

Tambem no campo administrativo a anarchia e o cahos

das columnas de fumo nos difficultarem as pontarias e impedirem de observar os seus movimentos, que como sempre tendiam a envolver-nos.

Freire d'Andrade mandou formar quadrado de 3 fi-

---

não são menos medonhos. Aqui, na metropole, com grande escrupulo e meticulosidade, decretou o governo em impetos de moralidade serodia que nenhuma concessão, arrematação, fornecimento, o diabo a quatro, fosse feito sem que primeiro o parlamento, que não existia nem ha muito existe, estudasse, examinasse, pezasse e verificasse, se era da moralidade e da pureza mais nitida. Este decreto é o florão, o timbre e a gloria do governo actual, que, com este fortissimo *duche* de moralidade ficou puro como vestal immaculada.

Mas, ao passo que isto succede na metropole, onde os phariseus da moralidade publica dictam a lei, em Moçambique, em Lourenço Marques, como se fosse um reino á parte como se o sr. commissario regio, dictador tambem, se não julgasse obrigado a respeitar as dictaduras alheias, vae por sua conta e risco dando e fazendo as concessões que lhe apraz, e n'isto não lhe fazemos censuras, por forma de que n'uma e outra margem do rio de Lourenço Marques, estão todos os terrenos concedidos, ha concessões de pontes e de fornecimentos, como se o famoso decreto *travão* da metropole, esse pavoroso espectro das concessões no reino, fosse coisa que nunca tivesse existido!

Occorre perguntar, no meio de tudo isto, ácerca de factos cada qual de sua natureza mais typica, que papel representa o governo, representa o sr. commissario regio, representa a expedição, representa o paiz todos soffrendo com uma resignação evangelica os disparates, as incongruencias, que cada um d'elles entende fazer por sua conta ?...

Valha-nos Deus com este incomparavel paiz, e com o cortejo de loucuras que o vae acompanhando, no meio da inconsciencia geral, ao seu completo e irremediavel anniquilamento.

las com os 267 europeus, 37 angolas e 100 auxiliares. Em cada angulo havia uma metralhadora; infelizmente depois d'algumas descargas, desarranjaram-se tres, ficando uma unica em serviço.

Os nossos soldados estavam fatigados por uma marcha penosissima de duas horas e meia, debaixo d'um sol ardentissimo; pois nenhum fraquejou, ao contrario dos auxiliares que se agachavam detraz do quadrado.

Os vatuas, depois de 1 hora de fogo debandaram em fuga desordenada, perdendo o chefe, filho do regulo Magrolo e trezentos guerreiros entre mortos e feridos. Nós 6 mortos e 27 feridos. Alguns foram encontrados a 60 metros da columna.

A impressão resultante d'este combate foi profunda e salutar, vindo mostrar quão justa fôra a condemnação imposta ao inglez Goodman, que se occupava logo no principio da campanha em fornecer armas ao Gungunhana.

Os vátuas apresentavam-se armados de Sniders e Martini Henry, o que os tornava arrogantes e perigosos, a ponto de poucos dias decorridos sobre a derrota de Magul tentarem romper a nossa linha do Incomati.

Pelo escuro da noute cairam sobre Intimane, incendiaram as palhotas, mataram os moradores e levaram todas as mulheres e gado que poderam apanhar. Alguns intimanes que conseguiram escapar-se, correram a Magude a avisar as nossas forças. Paiva Couceiro e Freire d'Andrade, já suspeitavam do acontecido pelas labaredas que tinham avistado para aquelles lados. Conhecendo o sitio por onde os negros do Gungunhana deviam passar ao atravessar do rio, dirigiram-se para alli e tal derrota lhes inflingiram, que mais de metade

das columnas de fumo nos difficultarem as pontarias e impedirem de observar os seus movimentos, que como sempre tendiam a envolver-nos.

Freire d'Andrade mandou formar quadrado de 3 fi-

---

não são menos medonhos. Aqui, na metropole, com grande escrupulo e meticulosidade, decretou o governo em impetos de moralidade serodia que nenhuma concessão, arrematação, fornecimento, o diabo a quatro, fosse feito sem que primeiro o parlamento, que não existia nem ha muito existe, estudasse, examinasse, pezasse e verificasse, se era da moralidade e da pureza mais nitida. Este decreto é o florão, o timbre e a gloria do governo actual, que, com este fortissimo *duche* de moralidade ficou puro como vestal immaculada.

Mas, ao passo que isto succede na metropole, onde os phariseus da moralidade publica dictam a lei, em Moçambique, em Lourenço Marques, como se fosse um reino á parte como se o sr. commissario regio, dictador tambem, se não julgasse obrigado a respeitar as dictaduras alheias, vae por sua conta e risco dando e fazendo as concessões que lhe apraz, e n'isto não lhe fazemos censuras, por forma de que n'uma e outra margem do rio de Lourenço Marques, estão todos os terrenos concedidos, ha concessões de pontes e de fornecimentos, como se o famoso decreto *travão* da metropole, esse pavoroso espectro das concessões no reino, fosse coisa que nunca tivesse existido!

Occorre perguntar, no meio de tudo isto, ácerca de factos cada qual de sua natureza mais typica, que papel representa o governo, representa o sr. commissario regio, representa a expedição, representa o paiz todos soffrendo com uma resignação evangelica os disparates, as incongruencias, que cada um d'elles entende fazer por sua conta?...

Valha-nos Deus com este incomparavel paiz, e com o cortejo de loucuras que o vae acompanhando, no meio da inconsciencia geral, ao seu completo e irremediavel anniquilamento.

sem fazer ao Gungunhana o que este fizera a seu pae.

Entretanto receava-se que o Gungunhana manobrasse de fórma a evitar os combates, retirando lentamente para o interior e deixando á malaria palustre e á tzé-tzé a destruição das nossas forças.

Os proprios boers mostravam-se descontentes por não termos previamente procurado a alliança e cooperação do Transvaal. Recordavam elles que o presidente Kruger ao entrar em Lourenço Marques, por occasião da inauguração do caminho de ferro, declarára que Portugal e a Republica Sul-Africana eram excellentes amigos, e que, quando qualquer dos dois se encontrasse em difficuldades, o outro procuraria de bom grado tomar parte n'ellas e ajudar a vencel-as.

O Transvaal dispunha d'um grande prestigio sobre as tribus indigenas, e podia ser applicado ao Gungunhana e seus regulos, sem necessidade de disparar um tiro.

Poupar-se-hiam assim enormes sommas de dinheiro, dispendidas n'uma guerra extremamente improductiva e infructuosa, e poder-se-hiam realisar importantissimos melhoramentos em Lourenço Marques e na administração da provincia de Moçambique. Infelizmente nas circumstancias em que então se achavam as nossas colonias da Africa Oriental, não se podia prescindir de argumentos falhos de metralha.

Tomou-se nota das amabilidades transvalianas e passou-se a marchar sobre o Gungunhana.

Aqui cabe dizer que a expedição ao pisar os areaes calcinados de Moçambique não levava por objectivo combater o imperio vátua. Só em junho é que o mi-

nisterio da marinha perguntou ao commissario regio se seria possivel atacar o Gungunhana com as tropas ás ordens do coronel Galhardo.

Tanto o sr. Ennes como o coronel Galhardo se promptificaram a tentar a empreza com a mais decidida energia e boa vontade.

*

* *

Na madrugada de 5 de novembro de 1895 estava a columna norte a sair de Inhalifatuane, 15 kilometros para além do Chicomo, em direcção a Manjacaze.

A' frente iam 500 pretos commandados pelo regulo Spandanhana. Seguia-se a secção de cavallaria (30 cavallos), meia companhia de infanteria em linha, formando a frente de um quadrado que era fechado pela outra metade e flanqueado por duas companhias, uma de cada lado. Dentro do quadrado ia a artilheria, a secção de engenheria, serviço de saude, e carros pharoes. O comboio de viveres e munições, formado a 2 carros de frente, contava 40 vehiculos e era defendido pelos carreiros e *macambuzios* (pretos) e pela cavallaria, que acudiria no caso de ataque do inimigo. Composição do comboio: 1.ª secção, 4 carros para transporte d'ambulancia e doentes; *2.ª secção*, 6 carros, sendo 5 carregados de munições e 1 com a bagagem da artilheria; *3.ª secção*, 4 carros com o parque da engenheria, bagagem e cantina do commando da columna e do batalhão; *4.ª secção*, 5 carros com bagagens e cantinas

da infanteria e cavallaria; *5.ª secção*, 9 carros com viveres; *6.ª secção*, 8 carros com viveres. A engenheria militar ia representada por um punhado de soldados com o alferes Viegas á frente. A bateria de montanha commandada pelo capitão Machado levava tres secções: 1.ª secção, commandante tenente Sacadura, 2 peças 7, de montanha. A 2.ª secção devia ser commandada pelo tenente Taveira, mas este official não poude seguir com a columna, por ter adoecido. Esta secção levava tambem duas peças 7 c. de montanha. A 3.ª secção levava 2 peças de tiro rapido Cruzon, e era commandada pelo tenente Baptista de infanteria n.º 2. Cada peça de montanha ia municiada com 72 tiros e cada Cruzon com 250 tiros. A tracção das peças era feita com cavallos e muares.

O serviço medico da columna era dirigido pelo dr. Monterrozo. Commandava a cavallaria o capitão Mousinho, a quem foi especialmente incumbida a direcção do serviço d'exploração. A patrulha de flanqueadores da direita era commandada pelo alferes Montez e a da esquerda pelo alferes Lobo. O alferes Raul Costa commandava a secção de transportes.

O serviço de saude levava 6 enfermeiros, oito macas, dois carros para transporte de feridos, duas mochilas-ambulantes, uma botica portatil, duas caixas com medicamentos e pensos, seis caixotes com dietas. O dr. Braga representava a Cruz Vermelha.

O commandante da columna levava como official ás ordens o alferes Moreira, de infanteria 2, e como ajudante d'ordens o tenente Pinheiro, de caçadores 3. Este official empunhava a bandeira que o coronel tinha mandado hastear n'uma lança, para fluctuar á vista de todos.

nisterio da marinha perguntou ao commissario regio se seria possivel atacar o Gungunhana com as tropas ás ordens do coronel Galhardo.

Tanto o sr. Ennes como o coronel Galhardo se promptificaram a tentar a empreza com a mais decidida energia e boa vontade.

*

* *

Na madrugada de 5 de novembro de 1895 estava a columna norte a sair de Inhalifatuane, 15 kilometros para além do Chicomo, em direcção a Manjacaze.

A' frente iam 500 pretos commandados pelo regulo Spandanhana. Seguia-se a secção de cavallaria (30 cavallos), meia companhia de infanteria em linha, formando a frente de um quadrado que era fechado pela outra metade e flanqueado por duas companhias, uma de cada lado. Dentro do quadrado ia a artilheria, a secção de engenheria, serviço de saude, e carros pharoes. O comboio de viveres e munições, formado a 2 carros de frente, contava 40 vehiculos e era defendido pelos carreiros e *macambuzios* (pretos) e pela cavallaria, que acudiria no caso de ataque do inimigo. Composição do comboio: 1.ª secção, 4 carros para transporte d'ambulancia e doentes; *2.ª secção*, 6 carros, sendo 5 carregados de munições e 1 com a bagagem da artilheria; *3.ª secção*, 4 carros com o parque da engenheria, bagagem e cantina do commando da columna e do batalhão; *4.ª secção*, 5 carros com bagagens e cantinas

Por volta das 9 horas avistaram-se dois rebanhos de gado magnifico, perto de setenta cabeças, que foram apanhados, assim como um preto e duas mulheres.

Mostraram-se muito surprehendidos com a chegada dos brancos, pois o Gungunhana em vista da longa permanencia das nossas tropas em Chicomo, persuadira-se que estariamos impossibilitados d'avançar e assim o fizera constar ás povoações.

Fez-se alto em Ballola, depois d'andados 20 kilometros e terem morrido 14 bois cançados. A' noite acampou-se em quadrado, em volta dos carros, debaixo dos quaes dormiam os officiaes. As praças ficavam no chão, sobre um oleado. Até ás quatro da manhã um terço da força estava debaixo de fórma, com as armas engatilhadas, allumiados pelo clarão das fogueiras e por dois pharoes electricos. Os pretos atravessavam repetidas vezes o acampamento conduzindo latas d'agua lodosa, que os soldados bebiam com avidez.

A ordem do dia 6 annunciava a proxima chegada ao kraal, mas os bois arrastavam-se com tanta difficuldade e o calor era tão intenso que se tornou indispensavel bivacar depois de 5 horas de marcha, em que apenas se fizeram quatro kilometros.

Como disse, esperava-se chegar n'esse mesmo dia a Manjacaze, e a ordem á columna assim o annunciava. Mas andados 4 kilometros, acharam-se as tropas em frente d'um mattagal espêsso, como até ali se não tinha encontrado, a fechar o caminho.

Era por volta das onze horas; o sol a pino dardejava raios incandescentes sobre a expedição a arquejar com calor e fadiga, sem se saber com exactidão o sitio onde se estava.

Os pretos affirmavam achar-se proximos da povoação da Impimeucasane, mãe do Gungunhana, mas isto não era inteiramente sufficiente, porque a noção que elles teem ácerca das distancias é bastante vaga.

Contrariedades de se não ter seguido o «caminho grande», já conhecido dos officiaes que tinham estado no kraal do filho do Muzilla. O caminho grande porém era muito mais longo e por isso se resolveu deixal-o, preferindo o indicado pelos auxiliares, que só elles conheciam.

O coronel mandou os tenentes Ornellas e Alves reconhecer o terreno. Havia effectivamente vinte minutos de distancia até á lagôa Cooella, que uma chapada de matto separava do rio Manguanhana.

Era impossivel continuar a marcha, já porque o cansaço era grande e não convinha distanciarem-se do comboyo, já porque não havendo pontes se tornava preciso passar o rio a vau n'um sitio a distancia de tres horas.

Decidiu-se bivacar junto á lagôa. O sitio convinha ás necessidades do gado e ás da defeza. Emquanto os sapadores espetavam a estacaria e outros fechavam o campo com fio metallico, farpado, um boi apparceu a pastar socegadamente á borda do matto.

Bom agoiro para os negros auxiliares, que se não dispensaram de o festejar com um divertido sarilho de piruetas.

Assentou-se em continuar a marcha no dia 7, sem o comboyo, que ficaria guardado por 85 homens; passar-se-hia a vau o rio e não se faria alto senão em frente de Manjacaze.

Repetidas vezes durante a noite se tinham sentido

esvoaçar os patos na lagoa, signal claro de que os negros, arrastando-se nas trevas, espiavam o momento proprio para cahirem de surpreza sobre o acampamento.

O peior era correr o tempo, apagarem-se no céo muitas estrellas, e não haver indicios de affrouxar a vigilancia, nem de amortecer o grande clarão avermelhado das fogueiras. Um terço das forças continuava a pé, em armas, attento aos rumores da lagoa, para onde dirigiam os jactos luminosos dos pharoes electricos.

Eram 6 horas da manhã quando os guerreiros de Spandanhana, formando a avançada, desappareciam á entrada do matto; estado maior, cavallaria e medicos punham pé no estribo; a artilharia estava attrellada, esperando a ordem de *marche!*

Foi n'este momento que os auxiliares, fugindo em retirada, vinham gritando a toda a força dos pulmões: «*Impi Gungunhana! a guerra do Gungunhana!*»

O commandante com voz firme e rosto sereno, mandou fazer o signal de inimigo á vista, desfraldar a bandeira e preparar para o combate.

Os dois pelotões da 1.ª companhia formaram a frente e a rectaguarda do quadrado, com uma metralhadora Gruzon e duas peças de montanha em cada face. A' esquerda, em frente da lagôa, a 4.ª companhia, e á direita a 3.ª

Os vátuas tinham estado a espreitar o momento em que a columna se pozesse em marcha, para cairem inesperadamente sobre ella, envolvel-a na immensa linha dos seus guerreiros e trucidal-a em poucos momentos.

Fôra isto o que recommendára o Gungunhana ao seu predilecto Godide, que juntamente com o tio Inhamaja

e o grande chefe de guerra Machamine, vinha á frente de 9:000 guerreiros, [1] com os seus pennachos ao vento, armados de espingardas, rodellas e azagaias. Appareceram a sair do matto a 250 metros de distancia, avançando com impeto, mas silenciosamente, na corrida rapida que lhes é peculiar. De quando em quando estrugia no ar um assobio prolongado, signal para os vatuas se deitarem ao abrigo do fogo incessante dos *iciamba nhana*, fidalgos valentes. As primeiras filas da 4.ª companhia ajoelhadas em frente do quadrado respondem ao fogo dos vátuas primeiro com precipitação, depois com magnificas descargas, que se produziam á voz do commando. Ouvem-se uns estampidos atroadores, a que os ouvidos dos pretos não estão acostumados e que lhes fazem suspender a carga. São as Gruzon e a artilheria de montanha que principiam a vomitar a destruição e a morte em meio da enorme seara negra.

Esta estremece, agita-se e vai concentrar-se no matto, em frente do angulo da 4.ª companhia. Já a essa hora tinham recebido ferimentos o major Machado, o capitão Costa, o alferes Costa e Silva e 10 soldados, alguns dos quaes continuaram no seu posto cobertos de sangue. O major apanhou uma bala no braço esquerdo e não consentiu que o curassem senão depois do combate. O alferes C. e Silva é deitado a terra por um projectil que lhe atravessa a omoplata. Vendo-o cair tres soldados da segunda fila deixam o posto para o irem levantar.

---

[1] Oito mangas escolhidas entre a élite das forças vátuas, gente Massapa, e calculadas de 8 a 10 mil homens. Telegramma official do sr. Ennes.

Elle então faz um esforço desesperado, consegue pôr-se a pé, obriga os soldados a reoccupar rapidamente os seus logares e continua a dirigir as pontarias até que cáe novamente com uma syncope.

*

* *

Entretanto iam os vatuas desdobrando-se n'um crescente de kilometro e meio, apertando o pequeno quadrado n'uma meia lua de fogo, cujas pontas tendiam a fechar-se com rapidez.

Uma centena de *mahalomba*, que não voltam as costas, n'um impulso d'audacia, largam o abrigo das arvores e correm aos saltos sobre o quadrado.

A fuzilaria nutrida das Kropatchek e as granadas da artilharia fazem voltar costas a mais de metade, vindo os que passaram a lagôa morrer a trinta metros dos carros, crivados de balas.

Os guerreiros do Gungunhana vendo que os tiros das Martin Henry não faziam nas nossas forças estragos apreciaveis, ao contrario do que succedia com as descargas dos europeus, convenceram-se de que os projectís das suas espingardas atravessavam os brancos mas não lhe causavam damno; porque o *afilhado* do rei (o coronel) tinha descoberto o «remedio da guerra». Esta preciosa descoberta consistia, segundo a crença dos pretos, n'um maravilhoso *feitiço* capaz de curar os feridos e resuscitar os mortos. A noticia do *feitiço* espalhou-se no campo vatua com a celeridade do raio, produzindo um panico indescriptivel.

Em vão o chefe da guerra da gente de Manjacaze intentava impelir os seus guerreiros ao combate; elles apontavam-lhe para os *inhope muchope*, passaros brancos pertencentes á guarda imperial do rei vatua, e que já iam fugindo para as bandas do Manguanhana. Algumas centenas de *mahbuco*, traiçoeiro, e *mabonga*, saqueadores, em logar de cuidarem na azafama do roubo e da carnificina, eram empregados em levar feridos e mortos, e não bastavam a tamanha matança.

Alli perto viam-se os cadaveres do induna Canango, de Manonguê, immediato do grande chefe Maginane, que lá andava por o Bilene a recrutar gente contra os brancos. *Vá báca! Vá báca!* Toca a fugir!

A's cinco horas e meia da tarde, ou quarenta minutos depois de principiar o attaque, o commandante, a cavallo no centro do quadrado, vê os negros em fuga e não lhe é dado perseguil-os senão com granadas, porque apenas póde dispôr de 25 cavallos e não os quer arriscar. Que importa isso? o dia está ganho, a victoria segura; e, se não fosse a tristeza resultante da perda de 5 soldados mortos, 3 officiaes, 1 sargento e 20 praças feridas, ver-se-hiam todas as faces illuminadas pela alegria.

Todos tinham a consciencia de bem haver cumprido o seu dever, honrando o nome portuguez e servindo a patria ausente.

Nada das veniagas tórpes que motivaram o desastre de Massa[illegible]no e d'outras paginas negras similhantes.

O coronel, sempre de charuto na bôcca, accudia a todos os pontos, espalhando punhados de coragem e alegria.

Logo que cessou o fogo mandou cortar estacas e

Elle então faz um esforço desesperado, consegue pôr-se a pé, obriga os soldados a reoccupar rapidamente os seus logares e continua a dirigir as pontarias até que cáe novamente com uma syncope.

*

* *

Entretanto iam os vatuas desdobrando-se n'um crescente de kilometro e meio, apertando o pequeno quadrado n'uma meia lua de fogo, cujas pontas tendiam a fechar-se com rapidez.

Uma centena de *mahalomba*, que não voltam as costas, n'um impulso d'audacia, largam o abrigo das arvores e correm aos saltos sobre o quadrado.

A fuzilaria nutrida das Kropatchek e as granadas da artilharia fazem voltar costas a mais de metade, vindo os que passaram a lagôa morrer a trinta metros dos carros, crivados de balas.

Os guerreiros do Gungunhana vendo que os tiros das Martin Henry não faziam nas nossas forças estragos apreciaveis, ao contrario do que succedia com as descargas dos europeus, convenceram-se de que os projectís das suas espingardas atravessavam os brancos mas não lhe causavam damno; porque o *afilhado* do rei (o coronel) tinha descoberto o «remedio da guerra». Esta preciosa descoberta consistia, segundo a crença dos pretos, n'um maravilhoso *feitiço* capaz de curar os feridos e resuscitar os mortos. A noticia do *feitiço* espalhou-se no campo vatua com a celeridade do raio, produzindo um panico indescriptivel.

Em vão o chefe da guerra da gente de Manjacaze intentava impelir os seus guerreiros ao combate; elles apontavam-lhe para os *inhope muchope*, passaros brancos pertencentes á guarda imperial do rei vatua, e que já iam fugindo para as bandas do Manguanhana. Algumas centenas de *mahbuco*, traiçoeiro, e *mabonga*, saqueadores, em logar de cuidarem na azafama do roubo e da carnificina, eram empregados em levar feridos e mortos, e não bastavam a tamanha matança.

Alli perto viam-se os cadaveres do induna Canango, de Manonguê, immediato do grande chefe Maginane, que lá andava por o Bilene a recrutar gente contra os brancos. *Vá báca! Vá báca!* Toca a fugir!

A's cinco horas e meia da tarde, ou quarenta minutos depois de principiar o attaque, o commandante, a cavallo no centro do quadrado, vê os negros em fuga e não lhe é dado perseguil-os senão com granadas, porque apenas póde dispôr de 25 cavallos e não os quer arriscar. Que importa isso? o dia está ganho, a victoria segura; e, se não fosse a tristeza resultante da perda de 5 soldados mortos, 3 officiaes, 1 sargento e 20 praças feridas, ver-se-hiam todas as faces illuminadas pela alegria.

Todos tinham a consciencia de bem haver cumprido o seu dever, honrando o nome portuguez e servindo a patria ausente.

Nada das veniagas tórpes que motivaram o desastre de Massangano e d'outras paginas negras similhantes.

O coronel, sempre de charuto na bôcca, accudia a todos os pontos, espalhando punhados de coragem e alegria.

Logo que cessou o fogo mandou cortar estacas e

construir abrigos de lona para os feridos, que o sol apezar de muito inclinado para o poente mordia bastante ainda. N'aquelle dia já não era possivel continuar a marcha projectada: na ambulancia os drs. Rodrigues Braga e Monterroso tratavam de fazer as operações mais urgentes em meio d'um côro lugubre de gritos e gemidos; era necessario tratar de remediar os estragos, dar sepultura aos mortos.

Foi uma scena commovente o enterro dos cinco soldados que os tiros inimigos tombaram no combate. os covaes cercados d'arame e abatizes, foram abertos no bosque, debaixo da larga folhagem das arvores tropicaes. Antes de se fecharem os caixões áquelles que morreram como os antigos guerreiros da nossa historia epica, o coronel Galhardo, n'uma breve e sentida allocução, recordou a superioridade invejavel d'estes funeraes singelos sobre as mais pomposas exequias, e terminou pedindo uma oração para os soldados que tinham morrido cumprindo o seu dever em defeza da patria.

Officiaes e praças ajoelharam de chapeu na mão; os commandantes das campanhias approximaram se para lhe deitarem o primeiro punhado de terra. E emquanto as cornetas entôam a marcha d'estandartes, a que respondem as tres descargas do estylo, pelas faces dos expedicionarios, que aquella atmosphera de fogo vai tostando, deslisam lagrimas de saudade pela despedida de companheiros que não mais verão.

O' terra, que feixes de luz viva aquecem e allumiam. Cobre-os suavemente, como a ave aos ternos passarinhos!

Terminada a acção, a cavallaria que se conservara

a pé firme de reserva e com os cavallos presos, foi mandada com os pretos de Spandanhana explorar o terreno. Um grande numero de cadaveres juncava o solo em todas as direcções. Subia a mais de duzentos o numero dos que os vatuas não puderam levar; aqui e além muitos rastos de sangue a denunciar a passagem dos feridos. N'um ponto, a oeste do bosque, foi encontrado um grupo de dezoito pretos mortos por uma granada. Tambem os auxiliares toparam um landim com uma perna partida; conduzido ao centro do quadrado declarou que o Gungunhana mandara contra os brancos os seus melhores guerreiros.

Eram oito mangas ou *impís*, d'onde tinham sido escluidos os *mofanas*, rapazes, e que deviam elevar-se proximamente a 13 mil homens.

Um grande numero pertencia á gente do tempo do Muzilla, pretos muito valentes e experimentados. E tudo isto estava por terra ou em fuga, mais de mil vatuas foram postos fóra de combate! Mas em breve o Maquaniane devia apparecer com muitos milhares de chopes e bilenes e então o Gungunhana talvez pudesse levar a effeito o seu pensamento fixo de todas as horas: degollar os auxiliares e fazer prisioneiros todos os brancos.

No dia seguinte de manhã o capitão Mousinho com os alferes Lobo, Montes e 24 cavallos, partiram em direcção a Chicomo para escoltarem cem carregadores com viveres que chegaram em 10. A esse tempo, como os feridos estivessm em estado de ser transportados sem perigo emprehendeu-se a marcha sobre Manjacaze, na persuasão de que ao passar o vau do Manguanhana, appareceria o nucleo de resistencia mais forte.

Esta supposição, aliás bem fundada, não podia realisar-se depois de espalhado o rumor terrorifico do *feitiço de guerra*. Este écco cheio de superstição encontrou ventos favoraveis que o fizeram retumbar do Limpopo ao Zambeze.

Apezar dos soccorros cirurgicos prestados pelo missionario suisso e conselheiro do Gungunhana Lingdoon, não chegaram a escapar cem, entre perto de 500 feridos!

Esta mortifera hecatombe explica a deserção de Cuio, Mapissana e Tchambin, tios do imperador vátua, retirando para o Bilene e Elephantes sem terem accedido a defender Manjacaze; assim como os motivos porque os nossos soldados encontravam o vau livre e os caminhos abertos. Passado o Manguanhana, reformou-se o quadrado, assestou-se a artilharia e enviou-se ao kraal uma saudação de desenove tiros com granadas. Depois do almoço e já perto das tres da tarde, grandes rolos fumarentos evolavam-se sobre Manjacaze. Compridas linguas de fogo começavam a devorar as setecentas palhotas da povoação, que os auxiliares primeiramente haviam saqueado. Manjacaze ficava n'uma encosta, cercada de elevada e grossa estacaria em meio da qual se levantava o kraal. Quando os pretos de Spandanhana lá chegaram tudo tinha fugido com excepção d'uma mulher encontrada a um canto d'uma palhota [1] A fuga fôra emprehendida com tal

---

[1] Eis como, em officio, o sr. coronel Galhardo dava conta da tomada do kraal.

«Bivaque na langua de Manguanhana, 11 de novembro. Cumprindo as ordens de v. exª, a columna do meu com-

precipitação que depois do saque dos auxiliares, havia ainda com que carregar cem juntas de bois.

Officiaes e sargentos quizeram ficar com uma recordação do Gungunhana, apossando-se cada qual do objecto que encontrava mais á mão.

Durante toda a noite permaneceu o bivaque na langua illuminado pelos clarões do incendio.

---

mando effectuou hoje marcha sobre Manjacaze. Chegado á langua provoquei o imimigo a combate, bombardeando a povoação; a gente do Gungunhana appareceu no bosque que circunda e occulta o kraal, em pequenos grupos, respondendo apenas com alguns tiros de espingarda ao fogo de artilharia da columna que os dispersou rapidamente. Em seguida, deixando o comboyo devidamente escoltado, marchei sobre Manjacaze, que encontrei abandonada, mas com muitas munições e objectos de uso dos hàbitantes, tudo na desordem d'uma precipitada fuga; os auxiliares saquearam a povoação e o Xigocho do regulo, que logo depois mandei incendiar, ficando tudo completamente destruido e voltando com a columna ao bivaque na langua. Segundo informações d'uma mulher encontrada na povoação, o Gungunhana retirou para Macasse, entre Chengane e Limpopo (rios), na occasião do bombardeamento, tendo antes mandado contra nós a unica manga de que dispunha, Inhope Nichope, que foi repellida, como disse. A jornada de hoje, sempre debaixo de chuva, foi excepcionalmente trabalhosa, devido á incapacidade dos meios de transporte; 7 bois ficaram mortos no caminho, tendo eu de abandonar um carro de viveres e muitas cargas, por terem fugido os carregadores; apezar d'estas contrariedades e de termos de avançar para o inimigo com um comboyo de feridos, exemplo talvez unico nos annaes militares, a coragem e disciplina das tropas do meu commando nunca se desmentiu e antes se affirmou por actos singulares, ennobrecendo os individuos que os praticaram e que mui-

A espaços faziam-se sentir detonações formidaveis, similhantes ás do ribombar do trovão.

Eram os enormes depositos de munições que o Gungunhana deixára em Manjacaze a explodirem salvas de regosijo pela eliminação do tyranno selvatico.

---

to honram o exercito a que pertencem. O major de caçadores 3, Machado gravemente ferido, acceitou com enthusiasmo a organisação e commando da defeza do comboyo na langua de Mangunhana. O capitão Costa, apezar de ferido, conservou-se a cavallo a meu lado em toda a jornada, desempenhando as funcções de chefe do estado maior; o alferes Costa e Silva, ferido n'um hombro, acceita o commando d'uma das faces do quadrado que defendia o comboyo, um cabo e dois soldados, tendo o primeiro o pescoço atravessado por uma bala, fugiram da ambulancia para tomarem parte na columna de ataque.

VII

Embaixadas vátuas ao Cabo e Transwaal. — Prisão do Gungunhana e dos regulos Mahazul e Mamatibejana. Fim da campanha.

Só quando as granadas principiavam a rebentar no meio do kraal, é que o Gungunhana se decidio a deixar Manjacaze. Os nossos soldados ao aproximarem-se da povoação puderam ainda reconhecer distinctamente os sulcos das rodas do carro onde tinha partido a magestade de Gaza. Tornava-se porém impossivel uma perseguição efficaz por falta de cavallaria em numero sufficiente. Apenas com 30 cavallos seria uma imprudencia que podia trazer-nos consequencias de muita gravidade, o perseguir o Gungunhana, e os muitos que o acompanhavam, atravez do matto onde não existiam caminhos conhecidos.

Mundagaz e os seus dirigiam-se rapidamente para os bosques onde repousam os restos mortaes do Muzilla, ao tempo que o coronel Galhardo retirava sobre Chicomo, por não convir conservar occupação em Manjacaze e acharem-se as tropas muito estancadas pelas febres [1]

Esta escolha de itenerario feita pelo Gungunhana, obdecia aos conselhos dos seus dois mais veneraveis

---

[1] Durante a campanha morreram victimados pelos tiros inimigos apenas 17 soldados europeus; e pelas febres perdemos 113, entre os quaes um capitão e um medico naval.

No tratamento das febres d'Africa, diz M. Rieffel, o distincto collaborador de M. d'Arsonval, o primeiro escolho a assignalar aos doentes são as drogas, sempre inuteis ou prejudiciaes.

Só o quinino é proveitoso.

E' talvez o unico medicamento que não illude e que não prejudica o organismo.

Este admiravel remedio, tomado a tempo e em doses sufficientes, impede o accesso. Falta accrescentar que estas doses sufficientes só os medicos coloniaes é que as sabem prescrever.

E' preciso enterrar por uma vez o prejuizo de imaginar que a quina arruina o estomago — prejuizo que tem causado a morte a tantos milhares de homens.

Elle proveio do habito adquirido por certas pessoas de ingerir o quinino com os alimentos.

Este alcaloide tomado em certas doses, 1 gramma por exemplo, desarranja a digestão; mas se, depois das refeições, nos servirmos de qualquer bebida que contenha uma gramma de cafeina, muito mais perturbado sentiremos o estomago.

E' por isso que o quinino deve ser tomado 1 hora antes da comida, ou tres e meia depois; tomal-o ao deitar é a melhor occasião, porque facilita o somno.

«feiticeiros»; que depois d'uma grande ceremonia em que foram sacrificadas nove victimas de raparigas impuberes, lhe tinham promettido uma segurança absolucta juncto da sepultura do pae.

Tambem o grande conselho dos indunas resolvera por indicações de Lingdoon, o missionario suisso, e com a approvação do regulo, enviar ao Natal, Cabo e Transwaal embaixadores com a missão de firmar

---

N'estas condições, longe de ser funesto á digestão, excita a faculdade da assimilação, melhora o estado dispeptico e diminue o embaraço gastrico.

Outro prejuizo: «Não tomar quinino durante o accesso».

E' necessario tomal-o desde que se presente a sua approximação; experimentei-o muitas vezes em mim proprio e sempre com exito; allivia a cabeça, faz desapparecer a horrivel dôr do sinciput, que dá a sensação do craneo a esmigalhar-se, e a febre diminue.

Durante o accesso supportam-se melhor as doses grandes, mesmo até 2 grammas de chlorhydrato.

O quinino impede os accessos, prolonga a vida, abre o appetite, mas não cura radicalmente o doente que permanece n'um terreno insalubre. O paludismo toma então a fórma chronica, sem grande elevação de temperatura, mas continuando a fazer soffrer e esperando o menor abalo para reapparecer na fórma aguda.

Eis porque é preciso evitar o littoral do oceano, onde se encontram salinas, terras situadas abaixo de nivel das marés altas, embocaduras de rios.

Fugir sobretudo das grandes cidades, como Lisboa.

Suppôr que basta entrar na Europa, abrigar-se n'um paiz mais fresco, para matar o paludismo, é um erro que póde trazer consequencias bem funestas.

Simples esquecimento ou ignorancia do que succede na Belgica occidental, na Russia e na Suecia, paizes onde o paludismo todos os annos faz consideraveis estragos. A

quaesquer tratados tendentes a collocal-o debaixo da protecção d'aquellas nações.

Chegaram os embaixadores ás colonias inglezas sul-africanas, e não obstante os bons desejos de Cecil Rhodes que então andava planeando a invazão do Transwaal, não puderam ser attendidos. Pediram então terrenos para se lá estabelecer a côrte vatua e os seus guerreiros, porque (accrescentavam) os portugue-

---

ilha de Walcheren, na Hollanda, tornou-se notada por o grande numero de pessoas que ali foram victimadas outr'ora por esta doença.

Em Londres antes das excellentes canalisações actuaes, houve verdadeiras epidemias de malarias que arrebatavam em massa a população.

Encontramol-a mesmo na Suissa, á beira dos grandes lagos, especialmente no Leman, á emboccadura de Rhodano.

Encontramol-a em França e em Portugal, principalmente na Estremadura e Alemtejo.

Encontramol-a em muitas cidades, talvez originada nas aguas estagnadas dos exgotos ou na infecção do sub-solo por materias organicas.

A malaria antes de tudo alastra geralmente nos terrenos argilosos, plainos, e onde por consequencia a agua não tem escoante.

A montanha! a montanha! eis o sitio que convém aos febricitantes. O infeliz que os accessos de paludismo empurraram ás portas da morte, e que tem visto durante longos mezes e annos o mal aggravar-se, em logar de declinar, sente-se reanimar em poucos dias na montanha.

D'antes era obrigado a descançar ao cabo de cada 200 metros decorridos; hoje sente-se capaz de trepar ao cume dos mais altos rochedos.

A cura é tão radical que ninguem imaginará ter elle soffrido tanto

zes apenas tinham combatido com um diminuto numero de gente, conservando-se muitos milhares de vatuas em volta do Gungunhana.

Com aquella fina perspicacia e habilidade diplomatica que tanto destinguem os governantes inglezes, reconheceram estes que o poder do Gungunhana tombara de vez. Os principaes regulos obdeciam-lhe por mêdo e tinham aproveitado as recentes victorias portuguezas para se libertarem d'um jugo oppressor, que os não deixava respirar.

Era fóra de duvida que elles prefeririam antes obdecer ás auctoridades platonicas de Portugal, do que estarem sujeitos ás tyrannias do imperador vatua.

Quasi todos o tinham abandonado, a começar pelos parentes mais proximos, e por isso grande erro seria prodigalizar cuidados e benevolencias a quem se deixara caír tão desastradamente. Nada, d'alli já não podiam vir lucros nem beneficios para a politica colonial de Inglaterra. Era aproveitar a occazião para se testemunhar o maior respeito pelos tratados e o maximo interesse e benevolencia pelo antigo alliado lusitano, cujas boas relações não são, ainda assim, para despresar.

Ficassem por consequencia os enviados do Gungunhana sabendo que os territorios de Gaza pertenciam, segundo convenções feitas, a Portugal, o que impedia o governador do Cabo, o *honorable* Hercules Robinson, de os receber. N'aquella occazião não tinha a Inglaterra nenhuns terrenos disponiveis proprios para o estabelecimento dos vatuas, e o governo de Londres nada mais podia fazer do que aconselhar aos portuguezes termos conciliatorios. Além d'isso, era muito con-

veniente que os srs. embaixadores negros tornassem a passar as fronteiras inglezas com toda a brevidade.

No Transwaal receberam elles respostas identicas e a certeza de que o governo portuguez se recusava a tratar com o Gungunhana antes da sua submissão completa e incondicional.

Já o grosso do corpo expediccionario tinha embarcado para a metropole e nenhuma esperança havia de apanhar tão cêdo o terrivel chefe vatua. Ir-se-hiam reunindo os indispensaveis elementos para acabada a estação das chuvas, se terminar de vez, e em rapida campanha com o Gungunhana.

Estava-se em fins de dezembro de 1895 e á frente do governo militar do novo districto de Gaza achava-se o commandante do esquadrão de cavallaria do corpo de operações, sr. Joaquim Mousinho d'Albuquerque, quando dois pretos da região de Chaimite lhe foram denunciar o local onde o Gungunhana assentara a seu novo kraal. Mousinho e os tenentes Annibal de Sousa Miranda e Manuel José da Costa Couto põem-se á testa de 48 homens e marcham em direcção a Chaimite, ignorando os sucessos que os esperam.

Estarão elles em vespera de caír n'alguma cilada, encontrarão o chefe vatua, ou serão trucidados ás mãos dos negros? Taes eram as incertezas que durante tres dias e meio acompanhavam este punhado de homens em marcha sobre terrenos de mattagal, por um tempo difficil.

Em 4 de janeiro de 1896 é que elles chegaram de manhã muito cêdo ao kraal. Cercaram-n'o e accommetteram-n'o. Um grande numero de vatuas accode e dispõe-se á resistencia quando Mousinho

d'Albuquerque d'espada desembainhada cae sobre ellês e exige a entrega do Gungunhana. Os vatuas, suppondo que uma forte columna de brancos os cérca, abaixam as armas e apontam o logar onde estava o chefe. Mousinho e os seus companheiros vão dar com elle no meio d'alguns dos seus grandes e feiticeiros. Dois dos primeiros querem resistir e são immediatamente fuzilados, o que faz dissipar aos vatuas todas as idéas de rebeldia. O Gungunhana, seu filho Godide, o tio, Molungo, Mamatibejana regulo da Zichacha, sete mulheres por aquelle escolhidas e tres por Molungo, 30 indunas são amarrados e conduzidos para bordo do *Neves Ferreira,* que cruzava no Limpôpo.

Do famoso thesoiro, que constava elle possuir, não foi possivel encontrar mais do que desasete enormes pontas de marfim e umas mil e tantas libras em oiro.

*

* *

A' entrada do *Neves Ferreira* na bahia de Lourenço Marques, houve difficuldades em fazer acreditar o maravilhoso feito, tão extraordinario elle parecia.

N'esse dia era um constante atracar de canoas e escaleres ao *Neves Ferreira,* cheios de gente para vêr os prisioneiros.

Tanto a cidade como o porto vestiram galas para solemnisar o feliz remate da conquista do paiz vatua.

Na metropole, a alegria e o enthusiasmo subiram a um alto grau.

Não houve villa nem povoado onde a noticia não chegasse em trajes de lenda heroica.

Em janeiro de 1896, dia de Reis, houve em Lourenço Marques parada geral das forças de terra e mar para a entrega dos prisioneiros.

Estavam presentes o governador interino da provincia Corréa Lança, governador interino do districto Diogo de Sá, conselho administrativo, corpo consular, officiaes do cruzador allemão *Seeadler*, e inglez *Thurst*, funccionalismo publico, negociantes, uma grande parte da população e regulos visinhos.

Dois dias depois, embarcavam Gungunhana, Mamatibejana, e a sua gente a bordo do *Africa* com destino a Lisboa.

Pouco tempo depois apurava-se que os missionarios protestantes, principalmente os suissos Grandejean e dr. Liengme, muito tinham contribuido para fomentar a rebellião dos landins e vátuas; e caíam em nosso poder Mahazul, o celebre Finish, o grande deposito d'armamento e munições do Gungunhana, seus quatro filhos, entre os quaes Ipsota, que os vátuas tinham escolhido para successor d'aquelle.

Ao tempo em que os expedicionarios portuguezes desembarcavam nos areaes calcinados da Costa Oriental, nações nossas irmãs pela raça enviavam tambem expedições á Eritrêa, a Madagascar e a Cuba. E com excepção da França, que com não pequeno dispendio de vidas e recursos monetarios se acha já de posse da antiga ilha de S. Lourenço; as duas outras grandes potencias continúam a guerra com sorte vária. E nós

acabámos com o lendario poder do imperio vátua, fazendo fluctuar a nossa bandeira em meio de explendores brilhantissimos de gloria.

E' provavel que, se os srs. Crispi ou Martinez Campos lêrem isto, como convictamente pendo a crêr, se não possam furtar ao desejo de me responder que os abyssinios não são perfeitamente a mesma coisa que landins e vátuas, que Cuba differe immenso de Moçambique, e que se no seu conjuncto a campanha foi acertadamente dirigida, nem por isso deixaram de se commetter êrros, hesitações e deficiencias. Tambem Portugal não póde ser equiparado em população nem em recursos com a Hespanha nem com a Italia, e quanto ao resto... *errare humanum est.*

Só em heroismo nos podemos medir, porque gloriosas são por igual as paginas historicas dos quatro povos latinos.

FIM

INDICE